

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
NÍVEL MESTRADO**

CAMILA TEMPAS

A LINGUAGEM QUE ME FALA:

**Da sustentação do Deitsch em contexto familiar à construção de identidades
translíngues**

São Leopoldo

2022

CAMILA TEMPAS

A LINGUAGEM QUE ME FALA:

**Da sustentação do Deitsch em contexto familiar à construção de identidades
translíngues**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann

São Leopoldo

2022

T282L Tempas, Camila.

A linguagem que me fala : da sustentação do Deutsch em contexto familiar à construção de identidades translíngues / Camila Tempas. – 2022.

119 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2022.

“Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann.”

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Amanda Schuster – CRB 10/2517)

AGRADECIMENTOS À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Este trabalho é dedicado aos meus avós Selima e Aldivo Tempas, e Leocádia e Ermedo Reichert que com ternura e amor me acolhiam em abraços e conversas cheias de simplicidade, em alemão.

AGRADECIMENTOS

Ao final da elaboração desta pesquisa é chegado o momento de agradecer a todas as pessoas que contribuíram de alguma forma para que esta fosse uma caminhada intensa, prazerosa e de muito aprendizado. De modo especial agradeço:

À minha orientadora, Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann, que de maneira muito carinhosa me acolheu como orientanda e me conduziu pelos estudos da Análise da Conversa. Obrigada pelas orientações, momentos de troca e, principalmente, por ter contribuído para o desenvolvimento da minha reflexividade sobre práticas sociais e identitárias por meio das interações. Se a Camila que iniciou os estudos em mestrado no início de 2021 não é a mesma de agora, devo grande parte disso a ti.

Aos colegas do grupo de estudos Fala-em-Interação (FEI), pelo caloroso acolhimento, pelas inúmeras reuniões com trocas de ideias e análises conjuntas de dados, mas principalmente pelos laços de amizade que criamos ao longo desse período. Cada um(a) de vocês é muito especial para mim.

Meus agradecimentos se estendem de maneira carinhosa, também, ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA) da Unisinos, aos funcionários e colegas do programa. Obrigada pelos incentivos, apoio e trocas de conhecimento ao longo dessa jornada.

Às professoras Neiva Maria Jung e Cristiane Maria Schnack, que fizeram parte da banca do meu exame de qualificação, bem como da defesa desta dissertação. Agradeço imensamente pela leitura, comentários e contribuições valiosas sobre a minha pesquisa. Vocês conferiram ainda mais ânimo para que eu pudesse dar continuidade a esse trabalho.

Aos participantes da pesquisa, que tão bem me atenderam e aceitaram compartilhar comigo uma parte de suas vidas e do seu dia a dia.

Ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bom Princípio e de São Vendelino, pelo auxílio e indicação de alguns participantes da pesquisa.

À Capes, pelo auxílio financeiro.

De forma carinhosa e especial, agradeço aos meus pais, Isara e Estevão por serem o meu alicerce e minha fonte de inspiração, sempre.

Ao meu namorado Jonatas, por compreender os momentos em que me fiz ausente, por me apoiar e incentivar e pelo amor compartilhado diariamente.

Ao meu irmão Silvio e à minha cunhada Cristina, por me ajudarem sempre que preciso e me incentivarem a seguir os estudos.

À minha afilhada, Lívia, por me lembrar diariamente a riqueza da simplicidade e a força do amor.

Aos meus amigos(as), tios e tias, primos e primas, pelo carinho e incentivo de sempre. Pelos momentos de conversas, descontração e renovação de energias.

Sobretudo, a Deus, por tudo e por todos em minha vida.

“A linguística tem um papel de educar para a democracia, educar para a cidadania. [...] A democracia é um sistema político em que existe um respeito à diversidade. Ora, a linguística, ao mostrar que a língua é heterogênea, que a língua é plural, é, de certa forma, uma maneira de educar para a tolerância e isso é educar para a democracia”. (FIORIN, 2003)

RESUMO

O uso simultâneo de duas ou mais línguas em conversas cotidianas é uma prática linguística característica em contextos bilíngues e multilíngues. Essa prática mostra o quanto a convergência de línguas e culturas diferentes possibilita e ressignifica a criação de identidades fluidas e híbridas. Por meio da análise multimodal de conversas cotidianas, realizadas através do uso do deutsch (hunsrückisch) e do português brasileiro, percebemos como as duas línguas são usadas em conjunto em contextos diversos, antes com domínios linguísticos específicos, de maneiras sensíveis à transição dos indivíduos por comunidades de fala distintas. Apoiadas no aporte teórico-metodológico da Análise da Conversa Multimodal (SACKS et al., 1974; STREECK; GOODWIN; LEBARON 2011; MONDADA, 2007, 2018), transcrevemos e analisamos sete fragmentos de conversas cotidianas em que as duas línguas emergem. Essas interações foram gravadas em áudio e/ou vídeo pelos próprios participantes desta pesquisa. E, a partir delas, foi possível observar como os interagentes, por meio da alternância de línguas durante a interação e utilizando-se de outros recursos semióticos, buscam engajamento, alinhamento e/ou afiliação de outro(s) interagente(s). Além disso, percebemos que as escolhas linguísticas apresentam indexicalidade, evocando na interação conhecimentos e significados compartilhados entre os participantes. Observamos, ainda, que as trocas de código podem indicar mudanças na organização da interação ou gerar a inclusão de outro participante que não compartilha de uma das línguas usadas.

Palavras-chave: Análise da Conversa Multimodal; bilinguismo; translinguagem; hunsrückisch; deutsch; alternância de código.

ABSTRACT

The simultaneous use of two or more languages in everyday conversation is a typical practice in bi/multilingual contexts. These practices convey how the convergence of different languages and cultures enable and give new meaning to the creation of fluid and hybrid identities. By means of the multimodal analysis of everyday conversations, accomplished through the observation of combined use of Deutsch (Hunsrückisch) and Brazilian Portuguese, we perceive how the two languages are used in diverse contexts, – which separately carried specific linguistic domains –, in ways that are sensitive to how individuals move through different speech communities. Supported by the theoretical and methodological perspective of Multimodal Conversation Analysis (SACKS et al., 1974; STREECK; GOODWIN; LEBARON 2011; MONDADA, 2007, 2018), we transcribed and analyzed seven interactions in which the two languages are used. These interactions were recorded in audio and/or video by the participants themselves and, from these fragments of conversation, it was possible to recognize how the interactants, by means of language choice during the interaction, among other semiotic resources, seek engagement, alignment and/or affiliation with other interactant(s). Furthermore, we noticed that the linguistic choices index knowledge and understandings shared among the participants. We also observed that code alternation may indicate changes in the organization of the interaction or can be deployed in order to include another participant who does not share one of the languages used in the conversation.

Key-words: Multimodal Conversation Analysis; bilingualism; translanguaging; Hunsrückisch; Deutsch; code alternation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	57
Figura 2	58
Figura 3 – Capturas de tela do vídeo do Excerto 1.	61
Figura 4 - Capturas de tela do vídeo do Excerto 2.	63
Figura 5 – Capturas de tela do vídeo do Excerto 3.	71
Figura 6 – Capturas de tela de vídeo do Excerto 4	75
Figura 7 - Capturas de tela de vídeo do Excerto 5.....	78
Figura 8 - Capturas de tela de vídeo do Excerto 5.....	79

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1 Deixando o <i>heimat</i> : um panorama da imigração alemã no Sul do Brasil.....	19
2.1.1 <i>Winterschneiss</i> fundada por imigrantes: Constituição do contexto interacional da pesquisa	23
2.2 Da constituição de contexto bi/multilíngue ao desenvolvimento de identidades e ideologias linguísticas	25
2.3 Políticas x práticas linguísticas: da idealização de uma nação monolíngue à realidade heteroglósica	28
2.3.1 Práticas de desvalorização e preconceito linguístico – máscaras para a idealização de uma nação monolíngue	29
2.3.2 <i>Deitsch</i> – status, ideologias e constituição	31
2.4 Do bilinguismo à translinguagem	38
2.4.1 Estudos de interações bilíngues.....	44
2.5 Identidades em interação: perspectiva e reflexão sociolinguística.....	47
3 METODOLOGIA	51
3.1 Introdução à Análise da Conversa.....	51
3.1.1 Multimodalidade na Análise da Conversa	52
3.2 Geração e análise de dados: cuidado éticos	54
3.3 Dados e participantes	55
4 ANÁLISE	59
4.2 “Wie sed ma noh? Como é que se fala?” – troca de código como busca por referente traduzido	59
4.3 Mediação linguística e a sustentação do <i>Deitsch</i>	67
4.4 Ações corporificadas e a troca de código relacionadas ao gerenciamento de alinhamento	73
4.5 Da sustentação do <i>Deitsch</i> à indexicalidade e a constituição do contexto familiar	83
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
6.1 Uma retomada à pergunta e aos objetivos da pesquisa.....	98
6.2 Reflexões finais	105
REFERÊNCIAS	107

APÊNDICE A - CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO.....	115
APÊNDICE B - CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO MULTIMODAL	116
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	
ÁUDIO E VÍDEO	118

1 INTRODUÇÃO

Vivemos cercados por ideologias, pensamento que criamos de forma individual ou coletiva e que se sustentam por meio das nossas práticas sociais. A linguagem, uma das formas primordiais de comunicação e interação humana, também é caracterizada por ideologias que são criadas, sustentadas e ressignificadas ao longo da história pelas pessoas. Contextos bilíngues e multilíngues são espaços que possibilitam a coexistência de diferentes línguas, identidades, culturas e significados. Consequentemente, as ideologias sobre as línguas também entram em choque e refletem as nuances sociais.

O Brasil é uma nação que já nasce multicultural e multilíngue (mesmo antes dos europeus aqui chegarem). Uma sociedade miscigenada como a nossa é resultado de movimentos de imigração e de colonização. A convergência entre culturas resultou em hierarquizações sociais que são refletidas através de ideologias linguísticas, uma vez que língua é um constituinte importante da identidade dos indivíduos. Um exemplo disso pode ser percebido através da imigração alemã para a região sul do Brasil, que ocorreu a partir de 1824.

Identificada internacionalmente como uma nação mestiça, resultado das relações entre colonizadores, colonizados, senhores e escravos, o governo brasileiro tinha a intenção de realizar uma unidade identitária de sua sociedade e, inclusive, o seu branqueamento. Isso, aliado ao fato de que os territórios sulistas sofriam ameaças dos países vizinhos resultou no incentivo, por parte do governo brasileiro, de imigrações germânicas.

Os primeiros imigrantes germânicos se estabeleceram no Brasil no que poderiam ser caracterizadas colônias homogêneas, porque mantinham preservadas

sua cultura e língua. Ainda que o contato com outras comunidades era inevitável para fins comerciais e tivesse como pressuposto o uso da língua portuguesa, as colônias germânicas mantiveram estáveis os principais traços de sua identidade. Contudo, o governo brasileiro, atento a essa situação, que fugia de um dos seus objetivos ao fomentar a imigração alemã, desenvolveu um plano de ação para unificar a identidade nacional o que abarcava não apenas a genética da população, como também a língua.

O plano de nacionalização promoveu a minimização e o apagamento de línguas e culturas indígenas, africanas e alemãs, por exemplo. O aprendizado e uso do português para as interações sociais foi imposto a essas comunidades e passou a configurar como parte do cotidiano dos indivíduos.

Ainda que as ideologias linguísticas tenham fomentado ações de minimização e apagamento, falantes da língua alemã e suas variações passaram a considerar importante o aprendizado e uso do português tanto pelas repressões vividas no passado, quanto pela valorização dessa “língua padrão” no desenvolvimento econômico e social. Todavia, o uso das línguas germânicas continuou vigorando no ambiente familiar. Passou-se então a observar que os locais de fala eram marcados por línguas diferentes e, conseqüentemente, por ideologias linguísticas e sociais distintas.

O tempo, o desenvolvimento social e econômico no Brasil e a globalização, por exemplo, foram marcas da movimentação dos falantes bi/multilíngues em/entre locais de fala distintas. Dessa forma, as línguas passaram a coexistir de maneiras mais fluidas e híbridas e os indivíduos ressignificaram o uso dessas línguas, bem como as suas identidades.

Essa é uma realidade que eu vivencio desde que comecei a ser alfabetizada em casa com Deitsch pelos meus pais. Antes de ir para a escola, eu também já sabia falar e ler um pouco em português, pois tinha contato com a língua através da televisão e dos livros infantis.

Em função de meus avós não se comunicarem em português, o Deitsch sempre foi a língua falada em casa. Dessa forma, o uso do português era restrito aos ambientes sociais ou escolares. Isso mudou ao longo dos anos, quando meus tios e tias mudaram-se para centros urbanos e seus filhos foram alfabetizados apenas em português. Esse movimento fez com que o português também ganhasse um espaço no ambiente familiar, durante os encontros da família. Eu mesma e meu irmão, estudando e trabalhando fora, passamos a utilizar também o português nas interações com os nossos pais.

De maneira concomitante, quando comecei a estudar com meus colegas do interior no centro da cidade e, depois, na região metropolitana do Estado, o Deitsch fazia parte das nossas conversas, porque era a forma que encontrávamos de nos aproximar e nos representar dentro de um espaço dominado pela “língua padrão”. Inclusive, o português que falávamos, carregado de traços do Deitsch, foi motivo para olhares desconfiados e debochados.

Apesar do preconceito sofrido em diversos momentos e espaços, isso mostra o quanto as barreiras espaciais e sistemáticas entre as duas línguas foram se quebrando ao longo desses anos. Sem que nos déssemos conta, o uso simultâneo de Deitsch e português passou a mediar nossas interações e a adquirir novas representações em nossas vidas. É justamente sobre isso que me debrucei em minha pesquisa de mestrado.

A partir da perspectiva da Análise da Conversa de base etnometodológica e multimodal temos por objeto de observação e investigação interações que se desenvolvem de forma natural, ou seja, que podem ser observados independente da presença ou não de um analista (LODER & JUNG, 2008). Desse modo, analisamos a conversa de forma espontânea dentro de um tempo e de um espaço reais. Assim, sob um viés êmico – ou seja, através das ações e entendimentos dos próprios interagentes –, observamos como acontecem as trocas de código dentro da interação, como os interagentes se comportam a partir dessas trocas e como incorporam traços contextuais e sociais por meio da conversa. Podemos dizer ainda que buscamos compreender como uma sociedade bi/multilíngue funciona através da perspectiva e das ações dos próprios agentes.

A partir da delimitação do tema de pesquisa, elaboramos uma pergunta que nos auxiliou no desenvolvimento do trabalho, qual seja: Quais as ações, atividades e papéis desempenhados pelos interagentes a partir das trocas de código em ambiente familiar? A partir dessa pergunta, nosso principal objetivo é compreender como os interagentes, a partir do uso de duas línguas, das trocas de código e de condutas corporificadas constituem e significam o contexto social em que estão inseridos e as suas identidades. Seguido dos objetivos específicos que são: a) compreender se e como ocorre a sustentação do Deutsch através das trocas de código realizadas em interações dentro de contextos familiares; b) compreender como os interagentes organizam a interação a partir do uso de duas línguas; c) descrever a sequencialidade das interações/tomadas de turnos, ou seja, como os interagentes agem e se orientam na conversa para realizar ou não a sustentação de uma língua no ambiente familiar; e d) observar se e quais funções semióticas e

ações podem ser identificadas da análise de interações bilíngues em ambiente familiar.

Esta pesquisa se justifica nos âmbitos acadêmico e social por não haver, ainda, trabalhos que tratem de relações bilíngues em ambiente familiar sob a perspectiva da Análise da Conversa de base Etnometodológica. Acreditamos que, dessa forma, essa pesquisa se faz pertinente pelo fato de analisar as conversas bilíngues por meio do viés êmico. Ou seja, buscamos entender o bilinguismo e as trocas de código em conversas a partir da experiência e do comportamento dos interagentes. Além disso buscamos analisar de que forma os interagentes organizam a conversa em duas línguas e como dão sentido ao contexto à sua volta através das interações.

A presente pesquisa se justifica também social e academicamente quando busca compreender o comportamento das pessoas através de uma perspectiva corporificada. Segundo Cruz, Ostermann, Andrade e Frezza (2019), essa perspectiva leva em conta a construção de espaços em que ocorrem as interações de multimodos, ou seja, sistemas de significação diferentes entre si, mas relacionados em uma mesma ação (CRUZ, OSTERMANN, ANDRADE & FREZZA, 2019). Os recursos que compõe a multimodalidade são de natureza linguística, corporais e materiais. Nesse ponto, é importante apontarmos para o papel que tem os falantes em entender, a partir da análise dos dados, qual é o seu lugar de fala dentro da sociedade, bem como a forma que se organizam e se orientam uns aos outros sem se dar conta, muitas vezes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A partir da escolha e delimitação do tema da pesquisa, bem como o delineamento dos objetivos, revisamos a literatura concernente ao tema do estudo de forma a nos auxiliar na construção e delimitação do presente trabalho e na compreensão mais refinada das complexibilidades acerca do tema. Para isso, definimos como principais eixos de pesquisa o histórico de imigração alemã no Brasil, com foco na cidade de Bom Princípio, Rio Grande do Sul, ideologias e práticas linguísticas, bi/multilinguismo, troca e mistura de código e translinguagem.

2.1 Deixando o *heimat*¹: um panorama da imigração alemã no Sul do Brasil

Movimentos migratórios fazem parte da história de diversos povos pelo mundo. A busca por novas oportunidades e o anseio por encontrar uma realidade melhor do que aquela presente no seu lugar de origem é o que normalmente motiva imigrantes do mundo inteiro a buscarem um novo território para chamar de casa. Isso foi o que ocorreu com os alemães no século XIX. De acordo com Flores (2004), a imigração alemã se torna um marco que divide a identidade e cultura alemãs em duas: a que permanece em seu lugar de origem, e aquela que tem contato com o mundo novo para se ressignificar.

O início das imigrações germânicas para o Brasil data de 24 de julho de 1824, quando, segundo Mauch e Vasconcelos (1994, p.12) se funda a “Colônia Alemã no Sul do Brasil”. Chegando ao Brasil, esses imigrantes ficavam alocados na cidade que hoje conhecemos como São Leopoldo e depois se deslocavam para as terras

¹ Referência à casa/terra natal.

que recebiam do governo federal. Esse movimento estagnou durante a Revolução Farroupilha, que teve em início em 1835, voltando a ocorrer depois de 1840.

De acordo com Braun (2015), foi o Império Brasileiro, sob incentivos do Imperador Dom Pedro I, que os primeiros colonos alemães chegaram à região sul do Brasil em 1824, dois anos depois da independência do país. O governo brasileiro estava receoso por invasões e ocupação castelhanas das terras do Sul. Aliando isso ao fato de que o território sulino permanecia quase inexplorável, Dom Pedro encontrou vantagem em estimular a imigração germânica (BRAUN, 2015). Segundo Rosa, Damke e Borstel (2012, p. 3), “O objetivo do governo brasileiro ao conceder terras e algumas concessões aos imigrantes o fez no intuito de, como já citado anteriormente, fomentar as atividades produtivas na agricultura no interior do país e povoar as extensas terras na região Sul do Brasil”. E, de acordo com Seyferth (2002, p. 4) “nas regras de admissão de estrangeiros, o imigrante ideal, o único merecedor de subsídios, é o agricultor; mais do que isso, um agricultor branco que emigra em família”.

O governo brasileiro, almejava outros objetivos com a imigração germânica, além dos que abarcam a colonização de terras férteis. De acordo com Lorenz (2008) a homogeneização da população brasileira era o ponto principal que o governo buscava alcançar através de uma ideologia de branqueamento. Uma sociedade miscigenada como a brasileira, com misturas de raças e contatos culturais distintos era tida como um dos motivos pelo atraso econômico e social do país (LORENZ, 2008).

Os primeiros imigrantes alemães chegavam em São Leopoldo, que na época era província de Porto Alegre, e se instalavam na Casa da Feitoria (antes conhecida como Real Feitoria do Linho Cânhamo, local que abrigava mão de obra escrava para

a produção de cordas e velas de barco) até partirem para ocupação das suas terras em outras regiões do Estado. A Colônia Alemã de São Leopoldo abrangia mais de mil quilômetros quadrados “na direção sul-norte, de Esteio até Campo dos Bugres (hoje Caxias do Sul) e, em direção Leste-Oeste, de Taquara (hoje) até o Porto de Guimarães, no Rio Caí (hoje São Sebastião do Caí)” (Braun, 2015, p.17).

Conforme foram ocupando as regiões de floresta, os colonos alemães estabeleceram colônias homogêneas (MAUCH & VASCONCELOS, 1994). Essa homogeneização se deu pelo isolamento geográfico e social das famílias imigrantes em seus assentamentos, possibilitando a manutenção de sua língua, costumes e cultura

O homem (sic) como agente reorganizador do espaço, transforma a natureza de acordo com suas necessidades, lhe imprimido as características marcantes da sua cultura. Tem-se, então, uma configuração regional, onde um grupo social confere à sua base espacial uma identidade, que irá diferenciá-la das demais. (NETO; BEZZI, 2008, p.136)

A homogeneidade característica dessas comunidades também foi reflexo de ideologias germânicas sobre a superioridade racial dos alemães (LORENZ, 2008). Ou seja, as colônias mantinham-se afastadas da miscigenação para manter preservadas suas características raciais e culturais. Desse modo, ao contrário do era esperado pelo governo brasileiro e como foi criticado por membros de esferas governamentais no início da república, as comunidades germânicas passaram a representar forte resistência ao “abrasileiramento” (SEYFERTH, 1997).

Isso não quer dizer que o contato com outras línguas, como o português brasileiro, ou pessoas de outras comunidades não fossem comuns nas colônias germânicas, mas essas relações se davam principalmente entre familiares e por meio do alemão. O aprendizado do português para uma melhor interação se limitava aqueles que faziam comércio fora das colônias. Spinassé (2008, p. 119) reporta que

principalmente as mulheres e as crianças mantinham distância da língua portuguesa e, por isso, o alemão e suas variantes permaneciam como língua materna.

Com isso, aprender o português não era algo necessário para muitos dos imigrantes, que naturalmente passavam a língua mais fácil para eles (o alemão) como língua materna para seus filhos. O português era visto como uma língua muito difícil e não era essencial para a vida; mais um fator de status.

As roças² das Colônias alemãs deram conta, no princípio, de suprir as necessidades dos próprios colonos e de suas famílias. Depois, com o aumento da produtividade e expansão das lavouras, os proprietários deram início a comercialização dos produtos para fora de suas terras. Assim, também começou o contato com outras línguas e culturas o que levaria depois de alguns anos a incorporação de novos elementos e a ressignificação da língua alemã e das variedades linguísticas faladas pelos imigrantes.

Mauch e Vasconcelos (1994) também reportam que os alemães abandonaram sua terra natal para assumirem um novo território como pátria, incorporando novos costumes ao seu dia a dia. Ao encontro disso, Flores (2004) aponta que os alemães em terras brasileiras tiveram o desafio de integração a uma nova realidade e uma nova cultura. Isso consequentemente abarca também o uso da língua.

² O termo roça é empregado aqui para se referir a uma porção de terra onde, no princípio havia mato que foi derrubado para que os colonos pudessem preparar a terra que se transformaria em lavoura própria para o cultivo de frutas, legumes e verduras. No contexto de análise dessa pesquisa, a palavra também tem como objetivo estabelecer uma diferença entre o que é considerado cidade (meio urbano) e interior (meio rural) o que, algumas vezes, tem implicações pejorativas sobre o que é dito.

2.1.1 *Winterschneiss* fundada por imigrantes: Constituição do contexto interacional da pesquisa

Fundada por imigrantes alemães e mantendo preservados traços da cultura dos primeiros colonos vindos da Alemanha para o Brasil, Bom Princípio constitui o contexto de análise da presente pesquisa. Mesmo com a presença e o uso da língua portuguesa na cidade, o Deitsch (ou Hunsrückisch) continua sendo a preferência de quase todos os moradores descendentes de alemães, principalmente entre a parcela idosa da população.

A história de Bom Princípio teve início com a chegada de Guilherme Winter à cidade que hoje conhecemos como São José do Hortêncio, no Rio Grande do Sul. Winter deixou a cidade de Klüserath am Mosel, na região do Hunsrück, Alemanha, em 1829, para se instalar com sua família no Sul do Brasil e cultivar as terras prometidas pelo Império. Pouco tempo depois de se casar, já em território rio grandense, Guilherme Winter casou-se com Elizabeth Müller e adquiriu um lote de terras portuguesas com o equivalente a 43 quilômetros quadrados (BRAUN, 2015).

Em 1846, essas terras foram a base para a fundação de uma colônia chamada *Winterschneiss* (em português, Picada dos Winter). O termo picada, é usado para se referir a um espaço compartilhado pelos primeiros imigrantes no meio da mata e significava o meio social das pequenas comunidades imigrantes (ALTENHOFEN & MORELLO, 2018). O nome *Winterschneiss* é ainda hoje utilizado pelos moradores e falantes do Deitsch para se referir à cidade de Bom Princípio. Nos primeiros anos em posse do novo território, Winter vendeu alguns hectares para outras famílias imigrantes. Braun (2015) aponta que Guilherme vendia as terras levando em conta algumas características específicas: toda a família deveria ser alemã, católica e, por isso, orientar a formação dos filhos, e dominar uma

especialidade diferente (e.g., marceneiro, ferreiro, padeiro, sapateiro). Conforme Theodor Amstad (BRAUN, 2015, p.25), cerca de 17 famílias, que se caracterizavam conforme os costumes conservadores propostos por Winter, se compraram e instalaram-se nas terras de *Winterschneiss*.

Na década de 1850, com a vinda de novos moradores para a localidade, as terras receberam o nome de Bom Princípio³. Muitas famílias tiveram destaque no desenvolvimento da cidade pela construção de igrejas católicas⁴, escolas e comércios. O seminário, a casa dos Irmãos Maristas e os Colégios Santa Catarina e Santa Tereza, administrados por freiras também tiveram impacto para a evolução de Bom Princípio e faziam alusão ao ideal nacionalista de comunidade católica.

A colônia de Bom Princípio, fundada por imigrantes, tornou-se próspera com o passar dos anos. A ênfase econômica da localidade pode ser atribuída, especialmente, para a agricultura. Durante muitos anos o cultivo de alfafa foi responsável pelos ganhos econômicos dos agricultores locais. Além de servir de alimento aos animais das propriedades bom principienses, a alfafa era vendida para o Exército Brasileiro manter os animais sob seus cuidados. No século XX, o desenvolvimento das comunidades vizinhas à localidade de Bom Princípio contribuiu para o crescimento econômico da localidade. A construção de ferrovias em Novo Hamburgo e a exploração de rotas pluviais no Rio Caí facilitaram a comercialização e o escoamento da produção, ainda que de forma limitada em Bom Princípio pelo fato de ser distante desses meios de transporte. Isso mudou apenas a partir da década de 1980 com a criação de rodovias estaduais (KLEIN & STEFFENS, 2005).

³ Nome criado em 1853 pelo comerciante Philip Jacob Selbach, para que a localidade tivesse um nome em português (Fonte: Prefeitura Municipal de Bom Princípio).

⁴ Bom Princípio até hoje não tem igrejas luteranas pelo fato de que, na época da chegada de novos colonos, Guilherme Winter exigiu que todos fossem católicos.

Em 1982, depois que a Assembleia Legislativa já havia tornado possível a criação de novos municípios no Rio Grande do sul, Bom Princípio foi emancipado de São Sebastião do Caí, tornando-se uma cidade. Atualmente, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2020, a estimativa era de cerca de 14,2 mil habitantes no município em comparação aos 11,7 mil contabilizados no último censo, realizado em 2010.

É de importância para o município a parceria estabelecida em 2009 com a cidade de Klüsserath, na Alemanha, terra natal do pioneiro Guilherme Winter. O então prefeito, Nestor Seibel oficializou e assinou o termo de “Cidades-Irmãs” junto ao prefeito alemão Norbert Friedrich. A cerimônia de oficialização da cidade alemã ocorreu um ano depois, na Alemanha. O objetivo do termo é fomentar o desenvolvimento de projetos culturais, sociais e educacionais que ocorrem durante todo o ano nas duas cidades.

2.2 Da constituição de contexto bi/multilíngue ao desenvolvimento de identidades e ideologias linguísticas

Podemos considerar a língua, seja ela oralizada ou sinalizada, como a principal forma de interação social humana. Ou seja, é por meio da língua que pessoas se relacionam, fazem negócios, se organizam e criam significados. Existem no mundo inúmeras línguas padrão e não-padrão, de maior ou menor prestígio⁵ e o fato é que línguas diferentes representam valores diferentes. E são as ideologias, ou seja, modos de pensar sobre as línguas (MILROY, 2011), que discutiremos nessa seção.

⁵ Segundo James Milroy (2011), essas dicotomias já são derivadas de ideologias sobre padronização de uma língua.

Antes de falarmos sobre o Deitsch, é importante fazermos reflexões sobre o bi/multilinguismo e sobre as ideologias linguísticas criadas e sustentadas por indivíduos em meio acadêmico, social e familiar, por exemplo. Da mesma forma que gênero, raça e etnia são elementos identitários e socioculturais estabelecidos nas sociedades através de ideologias, a língua é também um constituinte da identidade coletiva e individual, caracterizada através de ideologias social e internacionalmente construídas.

O bi/multilinguismo, como fenômeno/característica linguística, torna-se um contexto propício para a construção e sustentação de ideologias sobre as línguas. Segundo Gafaranga (2007), existem mais países bilíngues do que monolíngues no mundo inteiro. Isso quer dizer que é comum, para pessoas de várias partes do mundo, viver utilizando e/ou convivendo com duas ou mais línguas no dia a dia. E, de acordo com Milroy (2011, p. 53), “o prestígio atribuído às variedades linguísticas (por metonímia) é *indexador* e está envolvido na vida social dos falantes”.

Desse modo, como pontuado no início desta seção, a língua faz parte, junto com outros elementos como raça, etnia e classe, de um sistema semiótico que confere identificação e sentido aos indivíduos/falantes. Esses sentidos e significados são construídos, inclusive, por e entre esses indivíduos em e durante suas interações.

Contextos de colonização e imigração são caracteristicamente contextos bi/multilíngues onde encontra-se o uso de uma ou mais línguas faladas no país de chegada e acolhimento dos colonos ou imigrados e outra(s) língua(s) falada(s) no país de origem desses indivíduos que passam a incorporar o repertório multilíngue do território de destino. Nesse cenário, a ideologia do padrão se faz presente: a

língua falada pela maioria, a língua que apresenta sistema de escrita, inclusive, é a língua padrão, e, por consequência a língua de maior prestígio na sociedade.

Nesse ponto, é importante refletirmos sobre as implicações que as dinâmicas de colonização, domínio de povos, política e economia têm sobre a ideologia de língua padrão. Tomemos como exemplo o Brasil, terra que já se constitui como país, multilíngue. Os portugueses chegaram ao Brasil em 1500 e tomaram as terras, até então habitadas por diferentes povos indígenas, como colônia de Portugal. Apenas isso já seria suficiente para mostrar que os portugueses se colocaram como superiores dentro de um território que já tinha donos. Essa soberania, contudo, abarcava também a língua e o costumes na nova colônia. O estabelecimento do governo português no Brasil, o crescimento econômico e o desenvolvimento social deixaram ainda mais estabelecidos os portugueses, sua cultura e sua língua no topo da hierarquia do que viria a ser a nação brasileira.

O “padrão português/brasileiro” passou a ser constituído e sustentado ao longo dos anos mesmo com a vinda de outros povos. Habitantes do continente africano foram trazidos como escravos às terras brasileiras e tiveram subjugadas suas culturas e línguas. Anos após a Proclamação da República, imigrantes europeus, incentivados pelo governo brasileiro para ocuparem as terras da região sul também passaram por processos de inferiorização. Nessa época, o Brasil já era cenário de múltiplas realidades socioculturais e multilíngues. Ainda assim, não queria reconhecer a mistura étnico-racial que caracterizou o povo brasileiro e promoveu campanhas de nacionalização com o objetivo de homogeneizar (e branquear, como visto anteriormente) o estereótipo brasileiro, sua cultura e língua.

Em suma, o que queremos dizer com isso é que ideologias linguísticas, nesse caso ideologia padrão, podem ser reflexos de tudo que engloba identidades dos

indivíduos, a vida social, política e econômica (RODRIGUES & NASCIMENTO, 2020). Assim, os próprios falantes passam a acreditar em línguas mais e menos valorizadas (MILROY, 2011), associando isso também à hierarquia social e econômica. De acordo com Orlandi (1998, p. 203) “é comum aliar-se a língua e identidade para se falar de ‘identidade linguística’, entendendo por essa expressão uma relação com a nacionalidade, com cultura, ou pertencimento a um Estado”. Com isso, fica evidente, também, a intrínseca relação entre língua e identidade.

2.3 Políticas x práticas linguísticas: da idealização de uma nação monolíngue à realidade heteroglóssica

De acordo com Pelinson e Mengarda (2011), existem no Brasil cerca de 180 dialetos, desses, trinta são de origem da imigração (PAIVA, 2009). Isso faz do país um território plurilíngue. Contudo, as políticas linguísticas propostas pelo governo federal desconsideram grande parte dessas línguas e as coloca em um patamar socialmente inferior. Por volta de 1940, inclusive, houve movimentos políticos de proibição do uso de algumas línguas com o objetivo de impor uma falsa imagem de nação homogênea e unificada (EWALD, 2019) através do programa de nacionalização.

As políticas linguísticas podem ser consideradas ferramentas de regulação e gestão da linguagem dentro de espaços sociais que são utilizadas pelos governos e/ou por elites sociais (GARCEZ & SHULZ, 2016; RODRIGUES & NASCIMENTO, 2020). E muito além de realizar a gestão do uso da linguagem, essas políticas levam em consideração crenças e valores que giram em torno de práticas linguísticas (GARCEZ & SHULZ, 2016). Desse modo, as políticas linguísticas são maneiras de sustentar e manter e, inclusive, impor determinadas ideologias linguísticas na sociedade, como vimos anteriormente.

A ideologia do padrão, discutida brevemente na seção anterior, tornou-se reguladora na construção de políticas linguísticas, principalmente durante o movimento de nacionalização. Nesse sentido, de acordo com Rodrigues e Nascimento (2020, p. 25), “as políticas linguísticas podem ser concebidas como como construções ideológicas que refletem e (re)produzem as relações de poder dentro da sociedade”. Ou seja, são as ideologias que levam a crer que existe uma língua padrão e que contribuem, também, para que o país alcance o status de nação monolíngue. Nesse processo, contudo, existem uma série de movimentos que minimizam e apagam as demais línguas de um país, e, conseqüentemente, as comunidades que falam essas línguas. Os próprios termos utilizados para designar as demais línguas de um país perpassam ideologias linguísticas.

2.3.1 Práticas de desvalorização e preconceito linguístico – máscaras para a idealização de uma nação monolíngue

A palavra dialeto, como mencionada anteriormente refere-se, sob uma perspectiva sociopolítica, à língua de menor prestígio dentro de um espaço geográfico. Em outras palavras, toda a língua falada em território nacional que não seja a língua oficial, que normalmente apresenta uma norma gramática, poderia ser considerada um dialeto (PELINSON & MENGARDA, 2011). O dialeto é considerado, também, o resultado de variações da língua oficial (MEYER, 2009), e sob esse viés, poderia também ser considerado língua em vez de dialeto. Contudo, o uso do termo dialeto para se referir às línguas não-padrão ou não oficiais de um país ocorre justamente porque os falantes desse território e os falantes de outros países reconhecem uma determinada língua como idioma/língua oficial a partir das ideologias linguísticas. Segundo Ewald (2019, p. 272) “são essas representações

sociais sobre o que é a língua e o que é o dialeto, presentes nos discursos homogêneos, que determinam o que pode ser aceito como língua”.

É relevante ressaltar também o valor pejorativo que o termo dialeto pode ter para uma sociedade. Como supracitado, podemos compreender que a concepção do que é língua para um indivíduo pode ter uma valoração diferente para um outro indivíduo. Dessa forma, a consideração de uma língua como dialeto é, também, um movimento de minimização e de inferiorização. Como norma padrão, a língua oficial carrega também a conotação de ser a língua “certa”, enquanto o dialeto, como variação, é associado à forma errada de se falar (PELINSON & MENGARDA, 2011). Ainda segundo Ewald (2019, p. 272), a língua poderia, nessas circunstâncias, ser considerada como a forma usada pela população civilizada (sic) de um local, ou seja, aquela parcela da população que ocupa uma categoria social e econômica superior aos demais membros, e, assim, “o entendimento sobre o dialeto [...] resultaria do desprezo a determinadas formas de língua, distantes do ideal padrão”.

O dialeto nesse sentido, se depara com questões de hierarquização, como foi observado anteriormente. Desse modo, também pode ser atribuída uma relação entre locais de fala de uma língua. Com isso, queremos dizer que o prestígio e a categorização de uma língua estão atrelados diretamente, também, com comunidades de indivíduos mais ou menos desenvolvidas social e economicamente.

As línguas minoritárias, comumente denominadas dialetos, são consideradas inferiores à língua oficial de um país, mas, entre si, algumas detêm maior prestígio do que outras (MOZZILLO & SPINASSÉ, 2020), seguindo ideologias linguísticas. Considerada uma língua minoritária, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é reconhecida pelo governo federal e possui seu uso legitimado por lei. Línguas como o inglês e o espanhol, que são valorizadas mundialmente e reconhecidas como

oficiais em alguns territórios também são línguas minoritárias no Brasil, com status de valorização superior a outras (MOZZILLO & SPINASSÉ, 2020). Outras línguas como as de origem africana, italiana e indígena, contudo, sofrem com a minimização por questões sociais, históricas e culturais e são alvo de preconceito linguístico e desrespeito.

Ao desvalorizar e pejar uma língua, desconSIDERAMOS sua história e sua identidade, bem como negamos-lhe o direito de existir e desmerecemos o conhecimento desenvolvido por essa comunidade linguística (BAGNO, 1998). O valor de uma língua é definido dentro e pela comunidade linguística em que essa forma de comunicação se torna possível (ALTENHOFEN, 2013) e, assim todos os indivíduos têm (ou deveriam ter) o direito de expressarem-se na língua que quiserem (BAGNO, 1998).

Segundo Bagno (1998), toda a pessoa tem direito à palavra e toda a variação linguística apresenta uma explicação científica na sua formação e constituição como língua. Os movimentos que uma língua faz ao longo da história, percorrendo diferentes contextos e coexistindo, as vezes, com outras línguas, podem explicar o surgimento das variações linguísticas.

2.3.2 Deitsch – status, ideologias e constituição

Os descendentes de imigrantes alemães, que têm como língua materna o Deitsch, aprenderam a língua portuguesa durante o período de alfabetização, na escola, ou mais tarde, como é o caso de algumas pessoas mais idosas que foram alfabetizadas em escolas alemãs instaladas na região nos primeiros anos da imigração. Durante o processo de aprendizagem da segunda língua, o Deitsch teve uma forte influência tanto na pronúncia quanto na escrita das palavras.

Ao ouvir uma interação entre alguns falantes de Deitsch podemos perceber que ao falarem português, alguns fazem a troca de consoantes (B-P, D-T, C-G e vice e versa). Contudo, segundo Altenhofen e Morello (2018, p. 59)

Mesmo sendo essa marca muitas vezes estigmatizada, não se justifica a desvalorização do conhecimento da “língua de casa”. Seu valor é muito maior do que o eventual prejuízo que o “sotaque” devido à transferência do padrão de fala da língua Hunsrückisch para o português pode representar.

O Deitsch apresenta variação em relação à sua língua base que é o alemão padrão (ou *Hochdeutsch*) e se classifica dessa forma como dialeto (MEYER, 2009). Contudo, depois da imigração alemã no Brasil, o Deitsch incorporou novos elementos morfossintáticos e fonológicos devido ao contato com outras línguas, como o português (denominado brasileiro pelos participantes desta pesquisa), e se desvinculou em certa medida da norma padrão do alemão que era sua língua de origem. Desse modo, o Deitsch no Brasil caracteriza-se como língua brasileira de imigração com representação social e valores de pertencimento dentro das comunidades em que é presente.

O fato é que o termo usado para denominar o Deitsch é polissêmico. De forma simples, existem nomeações distintas para se referir a essa língua que implicam significados específicos sobre ela. Segundo Ewald (2019), alguns pesquisadores, com o intuito de evitar concepções negativas ou pejorativas, evitam o uso do termo dialeto para se referir a uma língua. Desse modo, é empregado o termo variação que é equivalente ao uso de dialeto na definição de uma língua adaptada de uma outra língua-padrão. Não obstante, o emprego de expressões como língua materna e língua de herança são comuns em referência ao Deitsch falado no Brasil.

O Deitsch pode ser definido como língua materna, termo que pode apresentar justaposição com a expressão Primeira Língua ou Língua 1 (L1), para caracterizar, além da relação do falante com a primeira língua aprendida, contrastes com questões de pertencimento e valor afetivo. Conforme Spinassé (2006, p. 4) “junto com à competência linguística se adquirem também os valores pessoais e sociais”. O fato é que a língua materna não está necessariamente e somente ligada à primeira língua aprendida por um indivíduo. Spinassé (2006) escreve que a língua das figuras parentais, ensinada para uma criança, pode não ser a mesma língua da comunidade. E ao ingressar na escola, a criança passa a aprender a língua da sua comunidade também, configurando assim as duas como línguas maternas (SPINASSÉ, 2006). Isso foi o que ocorreu com os descendentes dos alemães a partir de 1940, anos após o início das imigrações, quando crianças que eram alfabetizadas em casa através do Deitsch, e aprendiam o português nos primeiros anos da educação fundamental.

O Deitsch, com o passar dos anos, passou a ocupar diferentes status como língua, como fator social e político. Segundo Spinassé (2006, p. 6) “o status de uma língua também pode variar com o tempo, é necessário apenas estabelecer uma outra relação com ela. [...] da mesma forma, até mesmo o alemão, que fora uma L1, pode sofrer esse fenômeno”.

Sublinhado isso, é possível dizer que atualmente o Deitsch pode ocupar o status de língua de herança. Essa, por sua vez, se caracteriza como uma língua e uma cultura que são aprendidas por um indivíduo, mas não são próprias do lugar onde ele vive (SOUTO, ALÉM, BRITO & BERNARDO, 2014). O uso da expressão língua de herança pode também ser associado a tentativa de manter preservados

traços da cultura de imigração, como ocorre com o Deitsch. Assim, ainda poderia ser usada à referência de língua brasileira de imigração.

Além de língua materna, o Deitsch também é considerado uma língua de herança por representar um bem imaterial deixados pelas primeiras gerações de imigrantes aos descendentes nascidos no Brasil. O termo falante de herança (FH) é utilizado para designar indivíduos descentes de imigrantes e criados em contextos bi/multilíngues, onde, no ambiente familiar tem-se a predominância da língua de herança e no ambiente social ou de trabalho ou escolar o domínio é de uma língua oficial (FLORES & MELO-PFEIFER, 2014).

O envolvimento em relações sociais fora do seio familiar, leva as crianças, que tem como primeira língua aprendida em casa o Deitsch, a ter contato com o brasileiro. De acordo com Flores e Melo-Pfeifer (2014), a preferência pelo uso da língua majoritária (neste caso, o português) por parte das crianças cresce de forma rápida e, em muitos casos, levada inclusive à comunicação dentro do ambiente familiar. Na escola, as crianças ficam boa parte do dia expostas ao brasileiro e acabam deixando de lado o uso do Deitsch. Percebe-se, então, o papel que a escola tem em aplicar políticas linguísticas que privilegiam o ensino de línguas padrão e de prestígio.

Questões histórico-político-sociais, incluindo o preconceito linguístico, que levam a implicações na identidade dos falantes, também são fatores que contribuem para o apagamento de línguas de imigração. As próprias figuras parentais apresentam receios quanto ao ensino de sua língua materna aos filhos. Isso, somado ao fato de que os indivíduos compartilham da falsa ideologia sobre o Deitsch não ser uma língua, levam ao desenraizamento da cultura, história e identidade germânica sustentada através da língua.

Por ser uma língua que permanece sendo falada por descendentes de imigrantes alemães, o termo Hunsrückisch se torna favorável para designar a maioria das línguas de imigração no Brasil. Além disso, de acordo com Altenhofen e Morello (2018), o fato de ser possível descrever as origens e os movimentos geográficos, históricos e de manutenção do Deitsch também tornam favoráveis a predominância do termo para designação dessa língua de imigração no Brasil.

Contudo, é importante não cometer o equívoco de generalizar que todos os falantes de Deitsch sejam descendentes de imigrantes oriundos da região do Hunsrück, na Alemanha. Essa língua (Hunsrückisch – Deitsch) se tornou uma base linguística de contato com outras regiões e, inclusive outras etnias. Em outras palavras, o Deitsch, que já se desenvolveu a partir de traços do alemão padrão, continuou recebendo influências do português brasileiro, na mesma medida em que influenciava, também o português e outras variantes alemãs. Um trecho do livro “Hunsrückisch: Inventário de uma língua do Brasil”, de Altenhofen e Morello (2018) resume bem essa questão

Historicamente, o Hunsrückisch se formou a partir de uma base dialetal proveniente da região de mesmo nome, o Hunsrück, e que engloba um contínuo entre o francônio-moselano e o francônio-renano. Linguisticamente, é resultado de diferentes contatos intervaretais, mas também interlinguais, especialmente com o português regional falado no entorno das comunidades. Socialmente, o Hunsrückisch assumiu a função de língua comum da interação diária entre os diferentes grupos de imigrantes. (ALTENHOFEN & MORELLO, 2018, p.37)

O fato de o Hunsrückisch ter assumido a posição de língua de interação entre diferentes grupos de imigrantes pode se dar, primeiro porque, em sua maioria, os imigrantes dominavam essa variação alemã, e, segundo, porque era a variação mais próxima a norma padrão. Além disso, conforme Spinassé (2008), essa variação contribuiu para a formação de Hunsrückisch como o conhecemos hoje no Brasil.

Com os anos, os imigrantes passaram a ter a consciência sobre a importância do aprendizado da língua portuguesa, não apenas para favorecer as trocas comerciais, mas por fatores sociais como política e aceitação. O português era a língua majoritária e oficial do Brasil. Contudo, “no censo de 1940, por exemplo, apurou-se que no Rio Grande do Sul 747.859 pessoas não falavam o português em casa: 393.934 dessas pessoas falavam alemão e 295.995, italiano. Contudo, mais de 95% dessas pessoas eram nascidas no Brasil” (SPINASSÉ, 2008, p. 120).

O Deitsch atualmente é considerado por grande parte da população descendente de imigrantes alemães um bem imaterial que representa a história e a cultura de uma comunidade. A língua continua circulando principalmente por ambientes familiares. Nesse sentido, a família se torna a base para que a valorização (ou não) do Hunsrückisch como língua de herança seja ensinada e transmitida para as gerações mais jovens. E ainda que as gerações mais jovens de descendentes optem majoritariamente pelo uso de português, normalmente sabem que o Hunsrückisch - Deitsch tem importância para a sua constituição identitária tanto quanto para a cultura local.

Existem algumas características definidas no Hunsrückisch e outras que apresentam maior variabilidade. Altenhofen e Morello (2018) apresentam algumas características linguísticas que constituem o Deitsch como o conhecemos hoje no Brasil. Entre elas estão: a) a queda do /-n/ no final de substantivos no plural e /-en/ no final dos participios de verbos irregulares; b) a queda do /-e/ no final de substantivos femininos; c) o desarredondamento das vogais /ä, ö, ü/ que passam a ser produzidos como /e, i/ longo ou curto; d) a metafonia (mudança do timbre de uma vogal ou de um sufixo) em palavras no plural, em grau comparativo ou superlativo dos adjetivos e diminutivo. Essas características dessa língua de

variação alemã nos levam a outra, que é a alternância de consoantes realizada por falantes de Hunsrückisch quando eles falam português (ALTENHOFEN & MORELLO, 2018, p. 59) como já foi mencionado anteriormente neste estudo.

Outros aspectos do Deitsch são identificáveis no seu sistema pronominal. O falante usa os termos *der*, *die* e *das* como artigos e pronomes demonstrativos, em vez de distingui-los dos pronomes pessoais *er*, *sie* e *es*, como no alemão padrão. Ocorre, também, a presença do sufixo /-ich/ nas preposições e em verbos que remetem movimento ou uma ação usa-se o particípio sem o prefixo /ge-/.

É importante ressaltar que o Hunsrückisch - Deitsch é uma língua essencialmente oral, sem sistema de escrita organizado e vigente entre falantes/escreventes. Quando se comunicam por escrito, os falantes de Hunsrückisch utilizam o alemão padrão como base, podendo, sim, fazer adaptações conforme traços da oralidade presentes na língua. Conforme Altenhofen e Morello (2018, p.81):

Não somos por uma escrita prescritiva excessivamente normatizada, pois entendemos que o papel central de uma escrita do Hunsrückisch é permitir ao falante exprimir-se na sua língua de uma forma que o satisfaça e em que se sinta à vontade. É fundamental que saiba, antes de tudo, os porquês de suas decisões. As dúvidas serão resolvidas pelo uso efetivo, que é o que determinará qual forma é a mais eficaz e que faz mais sentido.

Conforme observado pelos autores, os falantes de Hunsrückisch têm o direito de se manifestar graficamente em sua língua como se sentirem mais confortáveis. Da mesma forma que têm o direito de nomearem essa língua da forma que quiserem (Deitsch, Hunsrück, Hunsrückisch, etc.).

É comum que os registros mais antigos de publicações ou cartas na língua apresentassem elementos e termos do alemão padrão. Contudo, com o passar dos anos, já se torna mais evidente a escrita com elementos da oralidade que são, também, resultado do contato com a língua portuguesa.

Para as transcrições apresentadas ao longo deste projeto de pesquisa, a autora utiliza algumas características da língua falada para tornar mais simples aos leitores falantes do Deutsch a leitura e compreensão dos dados.

2.4 Do bilinguismo à translinguagem

Visto que os falantes de alemão e das variações linguísticas germânicas passaram a perceber a importância do português para sua vida social no Brasil, é notável a influência e incorporação de traços do português nas línguas de imigração, bem como o uso simultâneo das duas línguas nas interações sociais, a construção de identidades fluidas e híbridas (LIN, 2015). As culturas, os falantes e as línguas passaram a coexistir no mesmo contexto, ainda que de formas instáveis (AGUILERA & BUSSE, 2008).

O aprendizado do português adquiriu outros aspectos durante o Estado Novo, período de governo liderado pelo gaúcho Getúlio Vargas, a partir de 1937. Junto com o movimento de nacionalização proposto pelo governo federal, foi promulgado o decreto de proibição da fala e do ensino de línguas germânicas. Para os descendentes de imigrantes, isso foi visto como imposição e minimização da sua cultura e identidade. Esses construtos sociais, econômicos e ideológicos modernistas estão ligados à intenção de desenvolvimento de uma identidade linguística essencialista e homogênea para a nação brasileira (LIN, 2015).

De acordo com Spinassé (2008), até então a alfabetização dos descendentes alemães acontecia através do alemão e suas formas dialetais, como o Hunsrück e Pomerisch, por exemplo, não tendo as crianças e adolescentes tido contato com outra língua que não fosse sua língua materna. No documentário Walachai (2013), dirigido por Rejane Zilles, alguns participantes trazem relatos sobre esse período.

Existiam aqueles que, não sabendo se comunicar em português, permaneceram em silêncio na época da proibição do uso do alemão, inclusive em casa, por medo das punições promovidas por encarregados do governo federal, como as prisões por meio de espionagem. Outros, ainda que aprendessem o português na escola, afirmam que eram ensinados apenas a escrever ou falar, mas que não compreendiam o significado do que estavam escrevendo ou falando. Ou seja, o governo passou a estabelecer um monolinguismo por meio de políticas linguísticas e restringiu as línguas minoritárias.

Assim, podemos dizer que o bilinguismo, naquela época, era sob a perspectiva de diglossia. Isso quer dizer que havia a presença de duas línguas, mas uma se sobressaia a outra. Para Gafaranga (2007), o bilinguismo sob essas circunstâncias gera uma distinção entre línguas, bem como uma certa divisão intracomunitária. Ou seja, nessa situação, havia a língua “dos outros” ou da maioria – o português/brasileiro – e a “nossa língua”, a da minoria – o Deutsch –, o que o autor refere como *they and we code*.

As trocas ou misturas de código nas interações face a face ocorriam e ocorrem, muitas vezes, sem que os interagentes se deem conta. Contudo, esses são fenômenos do conhecimento dos indivíduos e, por isso, passaram-se a adotar expressões como “alemão aportuguesado” para se referir a empréstimos da língua portuguesa ao Alemão e ao Deutsch. Ainda que isso seja um sinal de que a troca ou mistura de código seja significativa e visível dentro das interações entre falantes, ela é vista de forma negativa dependendo do contexto linguístico e ideologias de língua dominante em que ocorrem (GAFARANGA, 2007). De forma simples, podemos dizer que os falantes observam esses fenômenos de troca ou mistura de código como formas impróprias de comunicação, porque a ideia de monolinguismo ainda se torna

enraizada dentro de uma sociedade que já articulou movimentos de minimização de línguas de imigração, por exemplo.

Do mesmo modo que o português havia se tornado, pelas ideologias linguísticas e práticas sociais, a língua padrão e de maior prestígio no Brasil, no ambiente familiar das famílias de descendência germânica o Deutsch permanecia sendo a língua padrão. Dessa forma, os indivíduos das comunidades germânicas do país desenvolveram suas próprias ideologias, atreladas, em grande medida, à desconfiança ao que é estrangeiro (brasileiro) e a sustentação e valorização de uma cultura, uma raça, uma etnia e uma religião que lhes era ideal e única.

A proposta desta pesquisa não é mostrar o bilinguismo sob circunstâncias de posições sociais e categorização da língua falada; ainda assim, contudo, é importante apontarmos para essa questão do bilinguismo a fim de contextualizar o leitor. Nesse trabalho, nosso foco será em compreender como ocorrem as interações em ambiente familiar com alternância ou mistura de código, ou seja, como, dentro de uma conversa em Deutsch, os falantes usam elocuições em português ou o contrário. O indivíduo que tem o domínio sobre duas ou mais línguas faz o uso e a escolha dessa língua conforme as situações comunicativas em que estiver envolvido, bem como quem são os outros indivíduos envolvidos na conversa e quais os seus objetivos na interação (AGUILERA & BUSSE, 2008). A partir disso, poderemos observar também como as trocas e misturas de código atuam sobre a sustentação de uma língua ao longo da interação e identidades sociais são interacionalmente construídas.

Nesse sentido, não iremos olhar para as duas línguas que emergem nas interações desta pesquisa como sistemas distintos e analisáveis de forma separada, como sugerem os estudos do bilinguismo. Observaremos o uso simultâneo das duas

línguas nas interações como uma reconfiguração de sentidos na e pela conversa. De acordo com Auer (1984) a troca de códigos é usada com funções relacionadas ao participante e ao discurso. Desse modo, é necessária uma análise dos métodos utilizados pelos próprios interagentes para realizar as trocas de língua e concordar sobre uma interpretação dessa troca na e durante a fala-em-interação (AUER, 1984).

Diferente do que estudos sobre troca e/ou mistura de códigos sugerem sobre as línguas serem sistemas distintos disponíveis aos falantes bi/multilíngues, pesquisas que trabalham com o conceito de translíngua compreendem o uso dinâmico das línguas não apenas a partir da escolha de um sistema único, mas integrado às “práticas linguísticas e sociais” (SANTO, 2020, p. 93). Como sujeitos heteroglóssicos estamos em constante transitoriedade por contextos e culturas. Observamos, aprendemos, sustentamos e modificamos práticas sociais e linguísticas por conta dessa transitoriedade. Desse modo, segundo Garcia e Wei (2015, p. 229) “adquirimos não apenas novas formas de falar e agir, de linguajar, mas também de ser, de saber e de fazer”.

Mais atrelada à compreensão da estrutura das línguas utilizadas em interações bilíngues, a troca de código é entendida por Mondada (2007) como uma forma de contextualizar cursos de ação para diferentes participantes da interação. Em outras palavras, a troca de código pode ser usada em distintas atividades, além de incluir algum falante à conversa e convidá-lo a compreender o que, dito em outra língua, não seria passível de compreensão. Dessa forma, a alternância de código em uma conversa, conforme Wei (2002) é relacionada tanto ao que é dito quanto aos interagentes envolvidos na ação.

Já de acordo com Gafaranga (2007), a troca de código pode representar uma estratégia comunicativa. Quando analisamos o bilinguismo sob a perspectiva sócio funcional podemos observar de que forma essas trocas de código se relacionam com a identidade e as categorizações sociais dos falantes. Os estudiosos da Sociolinguística apresentam explicações sobre isso através do que chamam de “código nós/eles” e, assim, estabelecem diferenças entre o que é a língua falada pela maioria e o que é a língua falada pela minoria. Com isso, seria possível observar quais os status de cada uma das línguas presentes em uma dada interação, como e em que momentos ocorrem as trocas de língua na conversa e que implicações o uso dessas línguas reflete sobre a identidade e status dos próprios interagentes.

As variedades linguísticas que tornam o bilinguismo uma realidade já nos mostram que existe estruturalismo social, ou seja, a sociedade está dividida em diferentes partes (GAFARANGA, 2007). Como já mencionamos nas seções anteriores, as línguas e variações apresentam diferentes status e desse modo também os falantes passam a ser identificados, entre outros aspectos, pela língua que falam. De acordo com Gafaranga (2007), as variedades linguísticas mantem relações funcionais entre si e isso poderia ser observado pela troca de código. Em alguns casos, cada uma das línguas é usada em domínios específicos.

Auer (1998) afirma que a alternância ou a mistura de código pode ser uma forma de indexação (i.e., uma forma de incorporar elementos do contexto na interação), pode estar relacionada à situação de fala, ou ainda relacionada ao próprio falante. Esta última, associada às competências linguísticas do interagente. Conforme Auer (1998), a troca de código não está ligada às questões gramaticais das línguas, mas sim aos sentidos que os falantes dão às coisas e ao mundo

através delas. O fato é que ao se tornar uma prática de recorrência, a troca ou a mistura de código é realizada através de maneiras específicas por meio das quais os falantes dão sentido a esse fenômeno linguístico (GAFARANGA, 2007).

Visto isso, podemos perceber que conceitos de troca e mistura de código são utilizados para compreender as interações bi/multilíngues de maneiras organizacional e estrutural. Por outro lado, ao utilizarmos a lente da translinguagem para observar o uso combinado de línguas diferentes em uma interação é possível que vejamos além dos conceitos verbais ou multimodais, mas também sensoriais, semióticos e cognitivos (WEI, 2017). Ou seja, sob essa perspectiva dinâmica, proposta pelo conceito de translinguagem, é possível ultrapassar as barreiras das esferas macro e micro sociais, porque a agentividade não se encontra somente nas línguas como sistemas estruturais separáveis, mas sim na convergência de fatores individuais, sociais, identitários, contextuais, espaciais, linguísticos etc.

Nesse sentido, segundo Wei (2017, p.23),

O ato de translinguagem cria um espaço social para o usuário da língua, reunindo diferentes dimensões de sua história pessoal, experiência e ambiente, sua atitude, crença e ideologia, suas capacidades cognitivas e físicas em um desempenho coordenado e significativo.

Próximo aos estudos sobre translinguagem é possível encontrar outro termo de referência às práticas sociais do uso de línguas diferentes em interações. De acordo com Bailey (2012), a heteroglossia, da mesma forma que a translinguagem, não privilegia em seus estudos o uso combinado de línguas, mas tem como foco de discussão e análise as questões sociais, identitárias e ideológicas que permeiam essas línguas. Muito além da escolha ou troca de língua na e durante as interações o foco se tornam as ações e “papéis” que os indivíduos fazem com essas línguas dentro de um contexto temporalmente situado.

Conforme Beacco (2005, p.10), o uso simultâneo e combinado de línguas pode ser utilizado como estratégia comunicativa, bem como uma prática de participação “na ação intercultural onde uma pessoa, vista como agente social, possui proficiência em diversos graus, em diversos idiomas e de várias culturas”. Desse modo, o autor compreende que essas competências, quando usadas de forma simultânea, não configuram uma justaposição de sistemas linguísticos, culturais ou semióticos distintos, mas sim uma convergência desses sistemas para uma competência única e complexa.

2.4.1 Estudos de interações bilíngues

A alternância de código, assim como a conversa, é ordenada. Isso quer dizer que cada participante da conversa ocupa um papel e se orienta com base em uma sequencialidade. Para Gafaranga (2007), a explicação organizacional da alternância de código/língua pode seguir duas linhas: uma que se concentra na organização local da conversa bilíngue (AUER, 1984) e outra que explica a alternância por referente à organização geral. Essa última sob viés da Análise da Conversa Etnometodológica – quando a troca de código depende da sequencialidade da interação. Em outras palavras podemos dizer que o aporte teórico e metodológico da Análise da Conversa nos permite observar a organização da conversa bilíngue e as negociações de tomadas de turno entre os interagentes, por exemplo.

De acordo com Auer (1984), a organização local da conversa em duas línguas deve ser interpretada sob a perspectiva dos próprios interagentes. Em outras palavras, o autor quer dizer que não se deve observar a organização da conversa bilíngue e dos interagentes com um olhar externo ao momento da interação. Ao contrário, é necessário que se analise os procedimentos usados para organização

pelos interagentes no “aqui e agora” interacionais. Já em relação à organização geral da conversa bilíngue, Gafaranga (2007) acredita que através dessa visualização geral e sob uma perspectiva socio-funcional seja possível observar a organização entre os interagentes e as negociações de linguagem entre eles. Ou seja, a ação de um dos interagentes é o que definirá a ação seguinte, e provavelmente, do outro interagente.

De modo geral, Gafaranga (2007) acredita que a análise da interação bilíngue observando a organização local relacionada às perspectivas e motivações dos próprios falantes pode nos apresentar um formato de organização, mas não explica o porquê dela se dar desse modo. Por outro lado, a perspectiva geral dessas interações nos mostra que os interagentes se envolvem em sequências de negociação e a partir daí estabelecem os próximos movimentos da conversa.

Os estudos sobre interações bilíngues e sobre a troca de código analisam interações entre falantes que alternam entre variedades linguísticas, trocam ou misturam línguas em uma mesma conversa, criando um discurso híbrido (PORTO, 2007). Levando-se em conta as extensões territoriais do mundo e os movimentos migratórios ocorridos nos últimos séculos, esses fenômenos linguísticos são práticas comuns e facilmente identificáveis em diferentes contextos geográficos e sociais.

Mesmo que significando movimentos linguísticos que os falantes realizam entre duas ou mais línguas (MUSK & CROMDAL, 2018), a troca de código não encontra justificção apenas em questões gramaticais. Questões semióticas e pragmáticas também podem ser observadas. John Gumperz, considerado o precursor dos estudos sociolinguísticos sobre a troca de código relacionou a troca de código para falantes bilíngues como escolhas estilísticas (abordagem

organizacional) que, para falantes de uma única língua, seria realizado através da entonação, prosódia e tom de voz durante as interações (PORTO, 2007).

Gumperz (1982) também observa que as trocas de código podem sinalizar estratégias sociais e de discurso (abordagem voltada para a identidade). Desse modo, além de refletir identidades individuais e sociais, as trocas de código podem ter representações e intenções socio-pragmáticas. Seguindo Gumperz, outros pesquisadores também buscaram traçar categorias descritivas sobre a troca de código (GROSJEAN, 1982; APPEL & MUYSKEN, 1987; KOZIOL, 2000; RICHARDSON, 2000). Contudo, “regras generalizadas não são suficientes para dar conta das funções do *code-switching*” (PORTO, 2007, p. 12).

A linguista Carol Myers-Scotton propôs uma abordagem que busca explicar as motivações socio-psicológicas para a troca de código. Para a autora, os indivíduos iniciam uma interação levando em conta quais são os códigos linguísticos presentes e disponíveis e, sobretudo realizam intencionalmente suas escolhas linguísticas levando em consideração o(s) seu(s) interlocutor(es), bem como o local e o momento da interação (MYERS-SCOTTON, 1993). Visto isso, as trocas ou misturas de código dentro de uma interação também passam a ser sujeitas a interpretação e isso se relacionaria com motivações dos interagentes (PORTO, 2007).

A explicação sociolinguística sobre as trocas de código elaborada por Myers-Scotton entra em contraste com as descrições realizadas até então por outros pesquisadores da área. Contudo, os fenômenos linguísticos caracterizados pela troca e pela mistura de código deve dar conta de explicar as funções comunicativas da troca de códigos e a sua relação com os objetivos dos falantes (GAFARANGA, 2007).

Nesta pesquisa, nos propomos buscar observar as interações bilíngues sob uma perspectiva êmica. Teremos como objetivo observar em que momentos da interação que ocorrem as trocas de código e quais ações essas mudanças desencadeiam na interação através dos próprios interagentes. Além disso, iremos analisar como o significado da troca de código é construído na interação, levando-se em conta as ideologias linguísticas que acompanham as línguas, bem como os novos sentidos que o uso simultâneo dessas línguas cria temporal e localmente por meio da fala-em-interação.

2.5 Identidades em interação: perspectiva e reflexão sociolinguística

A cidade de Bom Princípio tem sua base social identitária e cultural firmada desde o início da colonização. A picada fundada por Guilherme Winter, que, ao colocar à venda lotes de sua terra, exigia dos compradores a religião católica e uma profissão que fosse considerada essencial na época, já estabelecia um fundamento ideológico homogêneo para a sociedade que se consolidava principalmente como católica e alemã. Como visto anteriormente, as picadas eram caracterizadas por áreas de terra colonizadas em meio à mata virgem. O contato com outros grupos sociais e as interações através de outras línguas que não fossem o alemão ou suas variações ocorria raramente. Assim, Winterschneiss era uma comunidade linguística (GUMPERZ, 1993) onde os indivíduos compartilhavam, além da língua, heranças culturais do seu país de origem. De acordo com Durando (1993, *apud* MEY, 1998, p.74), membros de uma comunidade linguística desenvolvem conhecimentos sociais, culturais e políticos através da língua. E por meio desta compartilham não apenas o conhecimento, mas a identificação como membros de uma sociedade que fala a mesma língua.

As identidades da comunidade bom-principiense modificaram-se ao longo dos anos da mesma forma e, talvez, na mesma medida em que a língua também passou por mudanças. Ainda que as primeiras colônias de imigrantes alemães fossem consideradas bastante homogêneas (se levarmos em conta a nacionalidade, a religião e a língua compartilhada entre os colonos), o desenvolvimento econômico e geográfico dos anos seguintes proporcionou um aumento das interações interculturais e interétnicas.

Como grupos linguísticos e culturalmente distintos que passaram a estar em contato frequente, falantes da variação Hunsrück (ou Deistch, como os falantes preferem nomear) passaram a incorporar elementos e traços da língua portuguesa ao seu repertório linguístico, cultural e identitário. Segundo Simionato (2012, p. 99), “podemos dizer que o movimento de identidade dos sujeitos se faz como um percurso na história, com suas determinações e seus deslocamentos, considerando sempre a relação com o outro na sua constituição”. Desse modo, é importante que levemos em consideração os movimentos sociais e os novos contatos linguísticos que foram ocorrendo ao longo dos anos em comunidades de imigração alemã como Bom Princípio para entendermos, também, os processos identitários sociais e individuais dessa sociedade.

Jung (2003) pontua que as identidades são construídas por meio de discursos situados em um tempo, em um espaço e em um determinado momento da história. Esse construto identitário se dá através da língua e da linguagem em uso nas suas variadas formas (oral e escrita, por exemplo) e sempre tendo um outro como interlocutor (MOITA-LOPES, 2001) como forma de negociação e manutenção dessas identidades e do engajamento na interação. De acordo com Jung (2003, p.31) “os participantes em uma dada interação não somente comunicam palavras e

constroem o sentido dessas mesmas palavras, mas negociam construções sociais e identidades”. Do mesmo modo que ao dar sentido e significado para o que é dito e feito em uma interação, os indivíduos estão também se identificando e significando local e historicamente (ORLANDI, 1998).

Como visto em seções anteriores, a variação da língua alemã Hunsrück, que foi a base das interações entre imigrantes alemães e descendentes no princípio, adquiriu características estruturais e fonéticas distintas que poderiam ser classificadas conforme a região dos imigrantes. Mudanças importantes também foram perceptíveis através do contato entre Hunsrück e o português e foram essas mudanças, inclusive, que levaram a constituição do Hunsrückisch⁶ (ALTENHOFEN & MORELLO, 2018). Todos esses movimentos de modificações e manutenções também tiveram reflexos sobre a identidade dos indivíduos. Desse modo, “o autoconhecimento da língua de origem e de como ela funciona mostra-se [...] essencial, para uma política linguística e educacional que respeite as identidades e que queira de fato reconhecer, salvaguardar e promover o plurilinguismo pautado na diversidade como um patrimônio cultural” (ALTENHOFEN & MORELLO, 2018, p.26).

A convergência de movimentos migratórios europeus para o Sul do Brasil, o estabelecimento de colônias, o início da comercialização nessas áreas colonizadas, o desenvolvimento e a posterior criação de municípios tornou das comunidades alemães, localidades, antes largamente homogêneas, heterogêneas. Um novo contexto, caracterizado pelo multilinguismo, pela multiculturalidade possibilitou a

⁶ Variação da língua alemã padrão que se constituiu a partir do contato com o português brasileiro no Brasil. É importante ressaltarmos fato de que poucos indivíduos usam o termo “Hunsrückisch” para referenciar essa língua. Preferindo, desse modo, o uso do termo “Deutsch” que, por sua vez, pode ser usado para nomear outras variações alemãs como o Pomerano, por exemplo.

coexistência de diferentes sujeitos e identidades e, assim, a constituição de comunidades linguísticas⁷ (GUMPERZ, 1968).

Além disso, como discutimos anteriormente, espaços que possibilitam a coexistência de línguas e culturas tornam-se também espaços para o desenvolvimento de novos sentidos e significados sociais e identidades individuais e coletivas. É através das práticas de linguagem que os indivíduos do nosso contexto de pesquisa exprimem um repertório heteroglóssico e configuram-se com novas identidades sociais. Segundo Lima-Hernandes e Silva (2020, p.36-37, in: GONÇALVES & MELO-PFEIFER, 2020) é o espaço multicultural e dinâmico “uma condição precípua para que o ser humano se revista de papéis sociais, se reconheça e seja reconhecido como tal nas cenas comunicativas que integra”.

⁷ Comunidades linguísticas são espaços constituídos por indivíduos local, geográfica, social e historicamente situados. Esses indivíduos compartilham não apenas a língua ou o significado das palavras, mas sim o valor simbólico que a língua ou as expressões linguísticas representam naquele espaço e naquele momento da interação (JUNG, 2003).

3 METODOLOGIA

Nesta seção discorreremos sobre os métodos utilizados para a construção da pesquisa. Assim, no primeiro momento, fazemos uma breve descrição da Análise da Conversa, em seguida apresentamos alguns princípios sobre a AC multimodal, e, por último, descrevemos sobre a geração de dados e o contato com os participantes do presente trabalho, bem como os cuidados éticos.

3.1 Introdução à Análise da Conversa

A Análise da Conversa tem seu princípio na esfera sociológica, debruçada sobre a ação social humana ocorrendo em espaço e tempo reais. Os estudos da AC, tiveram início com Harold Garfinkel (1967) com a Etnometodologia. De acordo com Heritage e Atkinson (1984), um dos principais objetivos da Análise da Conversa é apresentar e descrever detalhadamente como os interagentes se organizam e se comportam na interação.

Um dos mais importantes precursores da conversa como uma forma organizada de ação no mundo foi Harvey Sacks. A morte prematura do sociólogo fez com que seus discípulos Emanuel Schegloff e Gail Jefferson (Sacks, 1992) reunissem suas ideias em uma obra até hoje considerada o marco fundador dos estudos da Análise da Conversa. De acordo com os princípios encontrados nas obras, se observou que a fala é organizada em turnos e que um interagente tem sua próxima ação definida pelo que foi feito e dito anteriormente a sua tomada na conversa.

A análise de conversas cotidianas leva em consideração a descrição e o entendimento da fala como uma característica natural e comum da vida social humana (SIDNELL, 2010). De acordo com Garcez e Salimen (2011), a AC busca

detalhar a linguagem em uso afim de compreender não apenas fenômenos linguísticos, mas como os interagentes realizam e organizam a conversa entre si e co-constroem a realidade. Desse modo, o principal pressuposto de geração de dados para a Análise da Conversa é a gravação de interações naturalísticas. Diferente de dados usados em análise de narrativas e/ou do discurso que normalmente são gerados a partir de entrevistas e apresentam uma orientação por parte do pesquisador sobre a organização da conversa, o conteúdo analítico da AC é gerado a partir de conversas cotidianas e naturais.

Com o uso de convenções para as transcrições dos dados é possível analisar elementos que compõe uma interação e compreender, de forma empírica, como os próprios interagentes organizam e desenvolvem a conversa em andamento. Fenômenos linguísticos como entonação, pausa, sobreposição de fala e interrupções são alguns elementos convencionados nas transcrições que contribuem para uma análise apurada da conversa. Além disso, as transcrições também possibilitam que outras pessoas, externas à pesquisa, como leitores, possam compreender a fala-em-interação e encontrar nos dados as observações analíticas feitas pelo/a autor/a (SILVA; ANDRADE & OSTERMANN, 2009).

3.1.1 Multimodalidade na Análise da Conversa

Os avanços tecnológicos têm facilitado a geração e a análise de dados sob diferentes perspectivas. As próprias gravações de áudio utilizadas pela Análise da Conversa só são possíveis pela incorporação de gravadores que auxiliam a captação e registro do que se ouve. Atualmente, utilizam-se também as gravações em vídeo, oferecendo ao analista a oportunidade de observar condutas corporificadas, seja por meio de gestos, expressões faciais ou outras. Por meio de

gravações em vídeo também é possível observar a organização dos corpos dos interagentes entre si e no espaço, a manipulação e uso de objetos no decorrer da interação, a temporalidade de condutas de diferentes modalidades e demais aspectos. A Análise da Conversa multimodal, que considera conteúdo audiovisual para suas análises, vem sendo um método utilizado para guiar trabalhos de suma importância para a área de estudos interacionais (STREECK; GOODWIN; LEBARON 2011; MONDADA, 2007, 2018).

De acordo com Mondada (2012), as ações corporificadas não devem ser vistas como alternativas no sentido de que uma atrapalha a outra em sua condução, mas sim como complementares. Nessa perspectiva, interações gravadas com áudio e vídeo nos mostram como os interagentes se valem desses recursos para se orientar e indexar elementos do contexto à conversa. Além disso, os movimentos corporificados também têm relação sobre a sequencialidade de ações entre os interagentes, do mesmo modo que os turnos verbais (GARCEZ, 2011). Enquanto enviam e recebem mensagens de forma multidirecional e multimodal, os interagentes se orientam e se atentam uns aos outros e refletem sobre suas ações dentro do tempo e espaço reais, construindo contextos e realidade (GARCEZ, 2011).

Nesta pesquisa, utilizamos interações gravadas em áudio e/ou em áudio e vídeo para analisar os comportamentos verbais e não verbais dos interagentes com o intuito de realizar uma análise mais integral sobre interações em contextos bilíngues. E para tanto, adotamos uma perspectiva analítica multimodal. Todas as gravações são naturalísticas, ocorrendo preferencialmente em ambiente familiar, em situações de refeições ou de sociabilidade (e.g. roda de chimarrão), e todas foram geradas no ambiente doméstico dos próprios participantes. Para isso, foram disponibilizados pela pesquisadora equipamentos de filmagem e de gravação de voz

para as famílias participantes, conforme disponibilidade. Em alguns casos, por questões restritivas impostas pela pandemia Covid-19, foi solicitado o uso de aparelho celular dos próprios participantes para gravação, que enviaram o material para a pesquisa, conforme combinado.

3.2 Geração e análise de dados: cuidado éticos

Antes de iniciar a geração de dados e após aprovação desta pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unisinos, a pesquisadora entrou em contato com algumas famílias pré-selecionadas para convidá-las à participação no trabalho e explicar-lhes brevemente do que se trata a pesquisa. Além disso, também lhes foi explicado como serão preservadas as identidades dos participantes e como poderia e poderá ocorrer a desistência de participação na pesquisa a qualquer momento, conforme vontade do participante. Uma vez aceito o convite de participação por parte das famílias, a pesquisadora entrou em contato para orientar os participantes quanto ao manuseio do material de gravação.

No que se refere às questões éticas da pesquisa, somente foram gravadas as interações após a autorização por parte de todas as pessoas envolvidas. A autorização foi efetivada após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁸, disponibilizado pela pesquisadora. Este documento foi assinado em duas vias, ficando uma sob os cuidados da pesquisadora e a outra com o participante.

A partir da geração dos dados ocorreu a transcrição do material em áudio e/ou vídeo feita pela pesquisadora com sessões de análise conjuntas aos demais membros/as do grupo de pesquisa Fala-Em-Interação em Contextos Institucionais e

⁸ O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) integra uma versão para geração de dados em áudio e vídeo no Anexo A. Para que fosse implementada, a gravação só se deu quando autorizada por meio da leitura e assinatura do TCLE.

Não-Institucionais (FEI)⁹. As transcrições seguiram as normas de convenções de transcrição elaboradas por Jefferson (1984)¹⁰, com adaptações do grupo FEI e do grupo GAT2 (2011). As condutas corporificadas registradas em vídeo foram transcritas com base nas convenções propostas por Mondada (2019)¹¹ que, da mesma forma, foram adaptadas pelo grupo de pesquisa FEI.

As transcrições de interações bem como as gravações em áudio e vídeo são armazenadas em HD externo e tem acesso aos dados somente os colegas do grupo de pesquisa FEI. Neste estudo, os dados já se encontram anonimizados. Os processos de anonimização envolvem fontes, imagens, nomes de pessoas, de lugares ou institucionais que possam comprometer os participantes envolvidos. Isso foi realizado com o uso de nomes fictícios para designação dos interagentes nas transcrições. Com o auxílio de softwares já utilizados pelo grupo FEI, como o *Audacity* e o *Elan*, é possível gerar ruídos sobre nomes de pessoas ou lugares disponíveis em áudio nas gravações de voz e a edição das imagens de vídeo para fins de anonimização. Tudo isso é realizado com o objetivo de preservar a imagem e privacidade dos participantes da pesquisa.

3.3 Dados e participantes

A seleção dos participantes da pesquisa respeitou uma característica principal que era a presença de falantes bilíngues de Deutsch e português no contexto familiar. Recebemos as gravações das famílias participantes ao longo de todo o processo de escrita da dissertação. E logo após o recebimento das primeiras

⁹ O grupo de pesquisa Fala-em-Interação em Contextos Institucionais e Não-Institucionais (FEI) é coordenado pela Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), e composto por bolsistas de iniciação científica, mestrandos/as, doutorando/as, pós-doutorando/as e outros/as pesquisadores/as de outros Programas de Pós-Graduação do país.

¹⁰ As convenções de transcrição constam no Apêndice A.

¹¹ As convenções de transcrição constam no Apêndice B.

interações, realizamos uma análise inicial a fim de selecionar os dados e trechos de interações de maior relevância para o trabalho.

Participaram da pesquisa sete famílias (24 pessoas). As interações obtidas totalizam aproximadamente cinco horas de gravação. Podemos perceber que todas as gravações foram realizadas em contexto familiar, principalmente em momentos de interação após refeições ou encontros entre familiares e amigos.

Os participantes, com idades entre 10 e 65 anos, em sua maioria, falam e/ou entendem Deutsch e brasileiro e moram em zonas rurais. Ainda que o cenário rural e o trabalho com a agricultura familiar (no caso de alguns participantes da pesquisa, ainda que durante parte da vida) sejam uma realidade para essas pessoas, a movimentação pelo ambiente urbano, predominantemente dominado pelo uso do brasileiro, também faz parte de suas vidas.

Nesta pesquisa são apresentadas algumas interações gravadas em áudio e outras gravadas com áudio e vídeo. Isso se deu por observação aos preceitos éticos, respeitando a decisão dos participantes de pesquisa que (ou quando) desejaram gravar suas interações apenas em áudio.

Para a seleção das interações ou segmentos analisados levamos em conta, a princípio, situações em que ocorrem trocas ou misturas de código e em que observamos situações de sustentação de uma língua e/ou funções semióticas indexicais. Após as seções de dados realizadas com o grupo FEI, foram sendo evidenciados outros pontos importantes para a análise que serão abordados e discutidos ao longo deste capítulo.

Os excertos foram organizados com a transcrição mais próxima possível da fala dos participantes seguida de uma linha para a transcrição das condutas corporificadas (isso apenas nos casos em que as interações foram registradas em

vídeo). Depois é apresentada a tradução literal (palavra por palavra) dos turnos de fala feitos em Hunsrückisch-Deutsch (letra itálica) e, por último, uma tradução livre para melhor entendimento do leitor que não conhece a língua. Essa organização mostra-se necessária para uma análise mais minuciosa dos dados, que envolve tanto a conduta verbal como a corporificada dos interagentes.

Para o registro escrito dos turnos de fala realizados em Hunsrückisch utilizamos como base algumas normas ortográficas da língua encontradas no *Escrithu* (sistema de escrita do Hunsrückisch), que foi desenvolvido a partir do Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA)¹².

As Figuras 1 e 2 sintetizam algumas das normas utilizadas como base para as transcrições realizadas nesta pesquisa.

Figura 1

Palavras gramaticais, como as que seguem, são escritas sempre da mesma maneira, pois são indeclináveis. A regra é se habituar ao padrão da escrita:

<i>Pronomes interrogativos: was, wann, warom, weche was, wer, wie, wie oft, wievell ou wie viel wo, wohin, woher</i>	<i>Conjunções: unn, awer, well, dass, wenn, ob, ore, eeb, for ... se</i>
<i>Partículas: so, ooch, net, goo net, sogoo, mol, immer, noch, ganz, oft, genn, neext, nix, niemand, nore ou nure, bloss, hier, doch, alles, viel, wenich, en bissche, eenter, nimme, manichmol, eenfach</i>	<i>Pronomes pessoais: ich, du, de, die, das, mea ou mia, dea ou dia, die</i>
<i>Artigos: de, die, das, dem, en, enne, kenn, kenne</i>	<i>Numerais cardinais: eene, zweu ou zwei, drei, vier, fennef, sechs, siwwwe, acht, neun, zehn, ellef, zwellef, dreizehn, vierzehn ...</i>
<i>Preposições: ab, an, aus, bei, bis, dorrich, fo ou fa, hinner, hinnich, iwwer, iwwich, mit, newe, noh, on, unner, von, vor, weche, zu</i>	<i>Numerais ordinais: eerste, zwette ou zweite, dritte, vierte, fennefte, sechste, sibte, achte, neunte, zehnte, elfte, dreizehnte, vierzehnte ...</i>
	<i>Verbos auxiliares: hot, honn, is, sinn ou senn, kann, kenne, misse, muss, soll, solle, derref ou terref, derfe ou terfe, will, wolle</i>

Fonte: ESCRITHU

¹² Para saber mais sobre o ALMA acesse: <https://www.ufrgs.br/projalma/macroprojeto-agma-h/>

Figura 2

Escrita do Hunsrückisch

Guia resumido das regras do ESCRITHU utilizadas na transliteração dos dados

Vogal diante de duas consoantes = curta <i>Katz, Stenn, Lewwer, Brick, voll, Supp, Kuss</i>	<st> = como em <i>Stein, Rost, host</i> <sp> = como em <i>Sport</i> , <sch> = como em <i>Schneider</i>
Vogal diante de uma consoante = longa <i>Lewe, briqe, Mode, Blum</i>	<ch> = como em <i>Koch, Bach, ich</i> , <x> e <chs> = como em <i>Taxi, Ax, Hex, wachse</i> <ck> = [k] como em <i>Becker, Rock, backe</i>
Vogal diante de <h> = longa <i>Hahn, stehn, Stiehl, Vohl, Bohn, Stuhl, Kuhn</i>	<ng> = como em <i>Finger</i> <nk> = como em <i>Bank</i> <j> = [j] como em <i>Jung</i>
<ie> = [i:] longo como em <i>Kiel, lieb, Lied</i> <oo> = [ɔ:] aberto longo como em <i>Froo, Tooch</i>	<v> = [f] como em <i>Volkswagen, vier, von</i> <w> = [v] como em <i>Wein, was</i> <k> (com aspiração) = como em <i>Kind, Katz</i>
<aa> = [a] longo como em <i>Fraa, Taach</i> <ee> = como em <i>kleen, scheen, Tee</i>	<h> = como em <i>Hahn</i> <z> = [ts] como em <i>Zimmer</i> <tz> = como em <i>Fritz, Katz</i>
<ei> = [ai] como em <i>Schneider, Klein, Ei</i> <eu> = [ɔi] aberto como em <i>zweu, Eu</i> <au> = como em <i>Haus, raus</i> <ui> = como em <i>Teekui</i>	<s> = como em <i>Sack, Sand</i> <ss> = como em <i>Wasser</i> <g> = desonorizado como em <i>Gewehr, ganz</i> = desonorizado como em <i>Bock, Backes</i> <d> = desonorizado como em <i>Donnerstach</i>
Som [ea] final variável: <ea> = como em <i>Weat, Schea, mea 'nós'</i> <-er> = como em <i>Wer, her, Lehrer</i> <-eer> = como em <i>Meer, leer</i> <-ehr> = como em <i>Lehr, Kehr</i> <-ier> = como em <i>Bier, hier, vier</i>	<-er> final (palavra de duas sílabas) = como em <i>Lehrer, Becker, immer</i>

Fonte: ALTENHOFEN & MORELLO, 2018

4 ANÁLISE

Nesta seção da pesquisa apresentamos a análise de dados de forma a observar e explicar as trocas de código ao longo das interações levando em consideração os objetivos determinados no início deste trabalho. Observamos fenômenos interacionais como alinhamento, afiliação e indexicalidade mobilizados através de recursos semióticos onde as línguas (Deutsch e português) são alguns desses recursos, mas não os únicos.

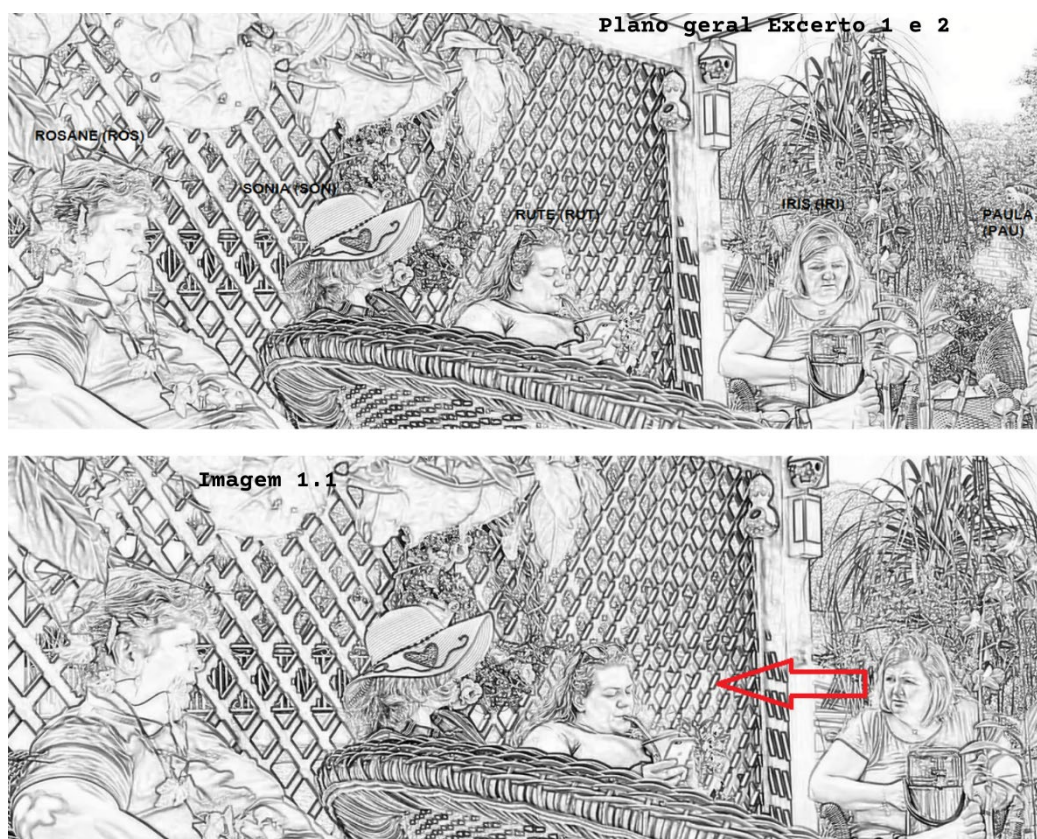
4.2 “Wie sed ma noh? Como é que se fala?” – troca de código como busca por referente traduzido

Os excertos a seguir advêm de uma sequência interacional entre três irmãs, Sonia (SON), Rosane (ROS) e Iris (IRI), e as sobrinhas Rute (RUT) – filha de outra irmã que não está presente na interação – e Paula (PAU), que não aparece nos vídeos nem nos excertos, filha de Sonia. Todas as participantes compreendem a língua Deutsch, embora a língua base para a interação em questão seja o português brasileiro.

A interação se desenrola na casa de Sonia. Todas estão sentadas no pátio da casa, embaixo de um pergolado e compartilham chimarrão, como é de costume em encontros familiares nessa região. No primeiro segmento, que será apresentado a seguir (Excerto 1), Sonia, Rosane e Iris oferecem sugestões de roupas para Rute, que está grávida, usar em seu chá de fraldas¹. A troca de código acontece nesse excerto como forma de busca referencial de um termo verbal não encontrado na língua base da interação (i.e., português brasileiro) e isso deflagra a busca de alinhamento e de afiliação entre as interagentes.

¹ Evento realizado pelas gestantes para comemorar a gravidez e o futuro nascimento de um/a bebê.

Figura 3 – Capturas de tela do vídeo do Excerto 1.



Na linha 1, Iris faz a troca de língua ao final de seu turno de fala com prolongamento do artigo (*so a:n:*), realizando uma busca do item lexical ao simultaneamente direcionar o olhar para as irmãs que também falam Deitsch (Imagem 1.1, l. 3).

Nenhuma das irmãs se alinha com a busca da palavra – como evidenciado pela pausa de (1.7), na linha 2, o que mobiliza que Iris escalone, agora verbalmente, ao pedir ajuda “com todas as letras” (*#halbã-wie sed ma noh-#halbã roc / meio-come se diz ainda-meia saia*) (l. 3). Aqui, além de realizar uma suspensão do que estava dizendo no início do turno para proferir a pergunta de busca lexical (l. 3) (*wie sed ma noh*), Iris também vira a cabeça para a sua direita, onde estão as irmãs e, em seguida direciona o olhar para Sonia, buscando alinhamento (l. 3). O

alinhamento das outras interagentes não é alcançado, como podemos perceber pelas pausas nas linhas 4 e 6.

Somente na linha 7, quando Sonia sugere à sobrinha usar um vestido longo, Iris reconhece o referente como semelhante (vestido) àquele que buscava anteriormente (saia). Essa ação de reconhecimento é realizada através da fala de Iris sobreposta ao turno de Sonia. Em seu turno sobreposto, Iris também realiza a tradução que desejava fazer (halba rok – saia).

O Excerto 1 nos mostra como a troca de código pode ser usada como uma estratégia comunicativa para fins de angariar o alinhamento de alguns interagentes na fala-em-interação. Neste caso, Iris realiza a troca do português para o Deutsch primeiro, porque não consegue realizar a tradução de imediato. Em seguida, ao expressar verbalmente um pedido de ajuda na língua de herança, ela busca, também de forma corporificada, o alinhamento das irmãs que entendem e falam Deutsch.

No Excerto 2, a seguir, as interagentes iniciam uma conversa depois que alguns cachorros uivam perto do local em que estão as participantes. Sonia fala sobre algumas aves que também provocam o uivo dos cães. Ao fazer isso, refere-se aos pássaros em Deutsch, o que leva as interagentes a buscar uma tradução para o referente.

Excerto 2

```

01  IRI:      is#&so% que [esses aqui]          %
      son          %aponta p/ trás----->%
              #imagem 2.1
      iri          &aponta p/ trás-->
02  SON:      [daí tem ] os chakraca:c- tem
              aracuã ((ave))

03          umas gal&i:nhas-[como# é que se fala ]
      iri          ----->&
              #imagem 2.2
04  RUT:      @          [que que é chakracac]=
      rut          @olha p/ SON-->
05  SON:      =a:i

```


06 ROS: °chakracac°
 07 IRI: chakracagã
 aracuãs
 08 SON: é galinha de ango:la °ora° ne:t
 °ou ° nã:o

09 IRI: ne[::]
 10 ROS: [°não°]
 11 (.)
 12 IRI: assim
 13 SON: wasa hingel
 água galinha
 saracura ((ave))

14 IRI: ne:: wasa hingel oh net@- cha[kracag]ã*
 rut ----->@
 ros *olha p/ PAU-->

15 SON: [não de] manhã
 16 SON: às vezes no verão na# primavera quando bate
 #imagem 2.3

17 SON: o [sino das- die]
 essa- ela
 o sino isso- elas

18 ROS: [°eu não sei o nome delas°]*
 ros ----->*

19 SON: fenhã o:-um dia eu vou faze:r u:ns stories
 começar
 começam

Figura 4 - Capturas de tela do vídeo do Excerto 2.

Imagem 2.1



Imagem 2.2



Imagem 2.3



Observe-se que Iris inicia a interação com uma expressão indexical ([esses aqui]) (l. 1). Ao usar essa expressão, Iris pressupõe que todas as interagentes saibam de que cachorros se trata ou a quem eles pertencem, em função do contexto em que isso é dito. Sonia, então, explica para as outras mulheres que os latidos e uivos dos cachorros ficam mais intensos e estridentes quando um tipo de pássaro canta próximo ao local.

Segundo Lynch (2019), a indexicalidade é um termo utilizado para descrever o significado de uma palavra, expressão ou ação dependendo de como, onde, para quem e em que circunstâncias é produzida. Nesse sentido, “um símbolo é uma representação, mas não uma reprodução” (RIBEIRO, 2010), porque ele nunca terá a mesma representação. Os significados são fluidos e híbridos conforme as situações, locais e momentos, e são os indivíduos os responsáveis por essas ressignificações.

A própria escolha de língua em uma interação em contexto bi/multilíngue pode ser considerada indexical por apresentar significados local e temporalmente relevantes. Dessa forma, a interação se torna uma ação indicativa do contexto em que os indivíduos, por meio da linguagem e de movimentos corporificados, atribuem, sustentam ou negociam significados e identidades (CORRÊA-ROSADO, 2014).

Quando falamos que a escolha de língua pode ser indexical estamos querendo dizer que a língua não é utilizada apenas como ferramenta de comunicação e interação entre indivíduos. Essa escolha leva em conta interpretações dos interagentes e relação com contextos social, cultural, político e histórico (CAVALCANTE, 2019). E, nesse sentido, segundo Corrêa-Rosado (2014, p. 6) “todo ato de linguagem é um ato de troca, interacional e não-simétrico, entre dois parceiros que se reconhecem, ao mesmo tempo como semelhantes e diferentes”.

A interação é a ação conjunta entre um ou mais indivíduos dentro de um espaço e tempo reais. Tendo em vista que a conversa é coconstruída, é possível dizer que “um ser humano se desenvolve a partir do outro” (DREY & GUIMARÃES, 2012, p. 161) e nessa ação conjunta também constitui suas experiências e identidades sociais.

Na interação, os indivíduos mobilizam diversos recursos semióticos para fazer sentido e atribuir significados dentro de um espaço-tempo. E é por meio desses múltiplos recursos semióticos, que convergem durante uma interação, que os indivíduos realizam ações (CRUZ, 2017). Visto isso, é importante lembrar que, conforme Mondada (2018), o foco central da Análise da Conversa Multimodal é a ação para a qual a linguagem é um recurso importante, mas não o único a ser levado em consideração durante as análises.

Uma interação é constituída por “diversos recursos semióticos que se elaboram mutuamente para criar um todo” (STREECK; GOODWIN & LEBARON, 2011, p.2). Conforme esses autores, os interagentes se orientam uns aos outros através desses recursos, criando uma ecologia.

O termo utilizado por Sonia para nomear a ave é *chakraca:c* em Deitsch (l. 2). Ao mesmo tempo em que provê essa informação, ela aponta com sua mão esquerda para trás (Imagem 2.1, l. 1). Essa conduta pode ser considerada também um movimento indexical, pois aponta para um local de comum conhecimento entre as interagentes, já que uma conversa, como explica Mondada (2007), é organizada por meio de detalhes plurilinguísticos e multimodais. Ou seja, os interagentes realizam a coordenação e a interpretação local de ações verbais e corporificadas para dar sentido ao que está acontecendo no aqui e agora interacional.

Assim, de maneira semelhante ao que ocorre no Excerto 1, as interagentes utilizam o termo em Deitsch por não encontrarem o item lexical de mesmo valor semântico na língua base da interação, o brasileiro. Desse modo, na linha 3, Sonia utiliza um termo similar em português (*umas galinhas*) na tentativa de tradução. Logo em seguida, pede ajuda para encontrar o referente - [como é que se fala], e olha para Rosane em busca de alinhamento (l. 3) (Imagem 2.2, l. 3).

Rute é quem faz o próximo movimento ao solicitar um reparo, (l. 4) [que que é chakracac]. Aqui é importante atentarmos para o fato de que a compreensão e domínio das interagentes sobre o Deitsch está em níveis diferentes, uma vez que as três irmãs mostram compreensão sobre o significado do termo usado em Deitsch, enquanto Rute e Paula, não. Isso fica evidente pela pergunta de Rute (l. 4) ou quando, na linha 18, Rosane se orienta para Paula, que não aparece no registro de vídeo, e age sobre a incompreensão da sobrinha respondendo [°eu não sei o nome delas°], inclusive direcionando o olhar para a sobrinha (Imagem 2.3, l. 16). Não podemos saber qual ação de Paula (olhar, expressão ou gesto) que explicita a incompreensão do termo “chakracac” e que provoca o turno de fala de Rosane, fazendo-a agir responsivamente sobre o não entendimento da sobrinha. Contudo, fica evidente que Paula não entende o referente utilizado em Deitsch para se referir a ave.

A busca pela tradução do termo é realizada entre as linhas 8 e 14, embora sem sucesso. Primeiro, Sonia traz outro referente similar para a conversa (é galinha de angola (l. 8)), finalizando o turno com um pedido de confirmação em Deitsch (°ora° ne:t/ ou não). Iris e Rosane negam verbal e corporificadamente. Iris, inclusive, sustenta a troca de código em sua resposta negativa, enquanto Rosane só se alinha no seu próximo turno (l. 13), quando traz outro referente, em Deitsch *was*

hinge1/ saracura. Ainda que seja um termo usado para nomear uma ave, ele não se refere ao mesmo usado por Sonia no início do segmento. Dessa forma, Iris, ainda sustentando o Deitsch na conversa, não confirma a informação trazida por Rosane.

A conversa segue sem que ocorra a tradução do nome da ave a que se referiam. Contudo, observamos que as trocas de código ocorrem quase sempre ao final de turnos de fala (troca insercional) e podem ser interpretadas como um movimento de fluxo de ação às interagentes que compartilham a língua e o que ela representa culturalmente. Movimento de fluxo de ação pode ser analisado como, nesse caso, uma estratégia para alcançar o alinhamento das demais interagentes que compreendem o Deitsch através da troca de código. Ao usar a palavra *chakracac/aracuã* (l. 2), Sonia expressa conhecimento sobre a língua. Desse modo, ainda que o português brasileiro seja a língua base das interações apresentadas pelos Excertos 1 e 2, fica evidente a movimentação das interagentes por duas comunidades linguísticas diferentes e, por isso também, contextos diferentes.

4.3 Mediação linguística e a sustentação do Deitsch

Como discutido anteriormente, contextos bi/multilíngues tornam recorrente o uso simultâneo de duas ou mais línguas durante as interações. É importante, contudo, que se leve em consideração que as competências e repertórios linguísticos dos falantes nesses contextos podem ser diferentes. Ou seja, é possível que em uma interação encontrem-se indivíduos tanto bi/multilíngues quanto monolíngues. Isso, por sua vez, pode demandar práticas informais de tradução, (LÓPEZ, 2020) como visto nos excertos anteriores, ou mediação linguística (*language brokering*).

Condições assimétricas de competências linguísticas em contextos bi/multilíngues podem convergir para níveis diferentes de participação durante as interações (HARJUNPÄÄ, 2021). Em outras palavras, podemos dizer que com a presença de um falante monolíngue na interação a escolha de língua pode restringir a sua participação. Desse modo, faz-se necessária a mediação linguística que pode ser observada por meio da tradução e/ou interpretação.

Goffman (1981) observa que a participação dos indivíduos em uma conversa ocorre em diferentes níveis e nem sempre em posições que se mantêm constantes ao longo da interação. O enunciado é que determinará o “status de participação” de todos os interagentes naquele momento da interação (GOFFMAN, 1981, p. 137). De acordo com o autor, isso não quer dizer que o enunciado divide a interação entre locutor e ouvinte(s), mas para diferentes possibilidades de organização da conversa e participação dos interagentes. Essas, orientadas pela ação de quem tem o turno de fala naquele momento (GOFFMAN, 1981).

O status de participação de um indivíduo pode ser observado a partir de ações corporificadas. Movimentos, gestos, expressões e/ou olhares podem indicar a limitação de participação de um indivíduo durante uma interação bi/multilíngue (HARJUNPÄÄ, 2021). E essas ações indicativas de desengajamento podem ser observadas pelos outros interagentes que, em tentativas de inclusão, podem realizar a mediação linguística.

A mediação linguística pode facilitar a participação de um indivíduo na interação, ainda que em diferentes níveis. Isso depende de fatores como o nível de informações traduzidas através da mediação, uma vez que a “ação original” foi destinada a outros interagentes, que compartilham a mesma língua. Isso pode criar uma espécie de conversa secundária e fazer com que o interagente monolíngue

apenas se inteire do que está sendo dito em outra língua ou participar de maneira mais ativa com turnos de fala subsequentes ainda que fora da conversa principal. Isso deixa o interagente que necessita da mediação na “periferia do quadro de participação” (HARJUNPÄÄ, 2021). De todo o modo, ainda que esse participante da conversa ocupe um status de participação menos ativo, a mediação torna evidente a preocupação de outro/outros interagente/s para incluí-lo na interação.

Como vimos nos excertos anteriores, as interagentes buscam por termos traduzidos para expressar um significado na língua base da interação. A tradução, contudo, pode ser realizada para incluir e convidar um indivíduo monolíngue à participação na interação. Nesses casos, não utilizamos o termo “tradução”, mas sim a expressão “mediação linguística”, uma vez que tratam-se de níveis distintos de participação *na* e *durante* a interação. A seguir, analisamos um segmento em que ocorre a mediação linguística como um incentivo/convite à participação.

A conversa ocorre entre o casal João (JOÃ) e Silvia (SIL), Jussara (JUS), irmã de Jorge, Giovane (GIO), marido de Jussara, e Diego (DIE), genro de Jussara e Giovane. Nessa interação também estão presentes Sandrina, filha de João e Silvia, e Diná, filha de Jussara e Giovane e namorada de Diego. Todavia, as duas primas não participam verbalmente desse segmento. A interação ocorre em um domingo à tarde, no quiosque da família de Jorge.

Todos os interagentes, exceto Diego, compreendem e falam Deutsch. A conversa é sobre a gata de Sandrina que subira em uma árvore e não conseguia mais descer. A língua base da interação é o Deutsch, mas em determinado momento, ocorre a troca de código para que seja realizada uma espécie de tradução de informação e, assim, incluir um indivíduo monolíngue à participação interacional.

Excerto 3

- 01 JOÃ: #zwei tóh had die uwã am pôm gã huct
dois dia tinha ela cima em árvore sentado
dois dias ela ficou sentada em cima da árvore
- 02 (.)
- 03 JOÃ: nime rona khom
nunca descer veio
não conseguia mais descer
- 04 SIL: °°die°° tóhã sód ich-wósch du mit ruf
°°ela°° dias disse eu-foi tu junto cima
esses dias eu disse-tu foi junto pra cima
- 05 SIL: [sód]ich die #huc uwã truf °°un°°[ment
#imagem 3.1
[disse]eu ela senta alto cima °°e°° [pensa
eu disse ela está sentada lá em cima e pensa
- 06 JUS: [a:há] [ia
PRT
mas
- 07 SIL: du]dat
tu]isso
tu que ela
- 08 JUS: woa::]
era
foi
- 09 SIL: dea wea dott \$[rona can]
joã \$olha p/ DIE-->
criatura era ali [baixo foi]
criatura desceu ali
- 10 JOÃ: [dois dia]s o gato lá em cima
- 11 JOÃ: no-na árvore
- 12 (0.4) \$*
----->\$*câmera muda enquadramento-->
- 13 JOÃ: e não conseguia mais descer#
#imagem 3.2
- 14 (.)
- 15 DIE: capa:z
- 16 JUS: *ia: por causa dos ↑cachorros ou o ↑quê
>*
- 17 SIL: ne:: die wolt nime rona ken=
não:: ela queria nunca descer andar=
não ela não queria mais descer
- 18 JUS: ia: un ↑to:
ia: e aqui
mas e então
- 19 SIL: >>to hara mo << nohea die leda hin[gã]
>>aqui teve PRT<< depois ela escada coloca
aí ele depois ali a escada
- 20 JOÃ: [hehe]
- 21 SIL: shtel un hat sã mo rona gãhol hah[ahaha]
armou e duro a no baixo pegou
colocou e pegou ela pra baixo
- 22 JUS: o::[: meu deus coita::da]
- 23 GIO: [die had cut gã huct uvã truf](wolt
[ela tinha bom sentada alto cima] (queria)
ela estava bem sentada lá em cima não queria
- 24 GIO: nime r[ona)]
nunca b[aixo)]
mais descer
- 25 DIE: mas com[o tu]fez pra ↑descer

26 JOÃ: não era muito alto-a escada
 27 DIE: m: :=

Figura 5 – Capturas de tela do vídeo do Excerto 3.

Plano geral



Imagem 3.2 - Reenquadramento

Imagem 3.1



João inicia o segmento provendo uma informação (linhas 1 e 3) (*zwei tóh had die uwã am pôm gã huct/ dois dias ela ficou sentada em cima da árvore*). Silvia, linha 4, traz expressões indexicais ao falar (*°°die°° tóhã sód ich-wósch du mit ruf/esses dias eu disse-tu foi junto pra cima*). Desse modo, Silvia mostra que compartilha o conhecimento sobre os fatos da história com a cunhada, Jussara. Simultaneamente, Silvia direciona o olhar para Jussara provavelmente em busca de afiliação e alinhamento da cunhada ao compartilhar um momento que as duas viveram juntas (Imagem 3.1). Essa ação de Silvia pode ser analisada como uma

estratégia para fazer Jussara confirmar que também viu a gata em cima da árvore e corroborar com a narração da história.

Após Silvia complementar as informações de contextualização da história (l. 9), João olha para Diego (que não entende e nem fala o Deitsch) e realiza uma mediação linguística dizendo, em português, o que havia dito em seu primeiro turno. Pelo fato do ângulo da câmera estar limitado, não temos como assegurar se alguma ação de Diego deflagra essa ação de João de realizar uma espécie de auto-reparo na escolha linguística (GAFARANGA, 2012). Contudo, supõe-se que houve uma percepção da falta de engajamento de Diego na interação depois que João direciona seu olhar brevemente para ele e faz uma tentativa de integrá-lo à conversa e ao assunto que estava sendo pautado naquele momento. A ação de mediação linguística realizada por João mostra um esforço para que Diego se oriente ao que ocorre na interação e participe da conversa e para que possa se engajar, de alguma forma, com ela (C. GOODWIN, 1981, 2000, 2007; M. H. GOODWIN, 2006 in PANICO, 2021). Em outras palavras, a mediação linguística constitui um movimento de “inclusão” propriamente dita.

De acordo com Panico (2021), as trocas de língua realizadas localmente na interação por membros de um núcleo familiar torna local e temporalmente relevante as suas identidades enquanto falantes bilíngues. Ainda de acordo com a autora, as ações de troca ou alternância de línguas podem ter uma função social, pois são acionadas para estabelecer relações sociais entre interagentes que não compartilham o mesmo repertório linguístico na interação (PANICO, 2021).

É importante observarmos que a mediação linguística realizada por João (l. 10, 11 e 13) é seguida por um reenquadramento da câmera comandada por Diná (Imagem 3.2). Esse movimento da câmera, que podemos considerar como uma

ação indicativa (i.e., mostra uma mudança no curso da interação) (PANICO, 2021), faz com que tenhamos um novo acesso visual espacial da interação em curso, bem como se torna uma forma, também, de incluir Diego como interagente participativo *da e na* conversa.

Essa reorganização da interação tem relação direta com a troca de código, como podemos observar no turno de fala de Jussara (l. 16), quando novamente acontece o ajuste de Deitsch para o português. A pergunta que Jussara faz em busca de mais informações sobre a história mostra um alinhamento com a troca de código. Contudo, essa pergunta é respondida por Silvia (l. 17) em Deitsch, fazendo assim, novamente uma ação de sustentação da língua de herança. Assim, no Excerto 3, com a presença de um falante monolíngue em português, percebemos mais frequentemente os movimentos de negociação e sustentação de língua. Em conversas que tivemos com os participantes desta pesquisa Silvia comenta sobre o empenho que desenvolve para sustentar o uso do Deitsch no contexto familiar, principalmente com o objetivo de fazer com que Sandrina, sua filha mais nova, entenda o status de herança cultural e sentimental que a língua materna representa aos falantes.

4.4 Ações corporificadas e a troca de código relacionadas ao gerenciamento de alinhamento

O Excerto 4 consiste num segmento que acontece antes do Excerto 3, apresentado na subseção anterior. Nessa interação, os participantes dão início a conversa sobre gatos, enquanto negociam a sustentação de língua e o alinhamento durante a interação.

Excerto 4

01 **SIL** +du [disch mo xxx]
 san >>+caminha até cadeira-->

tu [seu ainda xxx]
se faz uma vez xxx

02 JUS: [onde tá ↑ela#+ (.)↑hé
#imagem 4.1
san +olha p/ rede-->
quê
(.)eim

03 DIE: [hhhhh]

04 SAN: ali na +re&:+de
jus &mov torço p/ direita inclina p/
trás-->
san ----->+--->+

05 SIL: #%ia: must die holã k%e:n
#imagem 4.2
sil %mov. cadeira p/ trás-->%
ah precisa ela pegar ir
tu tem que pegar ela

06 SAN: °°não°°

07 JUS: onde tá o ↑gat%o
sil ----->%

08 SAN: na re:de

09 JUS: ↑hã

10 SAN: na rede

11 JUS: tá e&u queria também segurar ela um
jus --->&

12 JUS: pouquinho

13 SAN: hhhh

14 SIL: hehehe

15 JUS: dut sã ↑crastsã
faz PRT arranhar
ela arranha

16 SIL: ↑hé
PRT
ein

17 JUS: dut sã ↑cratsã
faz PRT arranhar
ela arranha

18 SIL: \$cuc mo denã sain #hend- ich sód dafoat
#imagem 4.3
sil &pega mão da San -->
olha PRT dela suas mãos- eu disse antes
olha as mãos dela- eu disse antes

19 SIL: wat sed die lering wen die tain
que diz ela professora quando ela tuas
o que dirá a professora quando ela tuas

20 SIL: hend %sid sód ich cants facrats- die ment
mãos ver disse eu todo arranhado- ela pensa
mãos ver eu disse todas arranhadas- ela acha
sil ---->%

21 SIL: da wuna wo du rom gächaft hecht am
o onde tu PRT trabalhou fez em
o interessante onde tu trabalhou no

22 SIL: walt
floresta
mato

23 (.)

24 SIL: [pata-]boi têna
[pata-]boi espinho
espinho pata de boi

25 JUS: [tu::]

26 GIO: **pre**nã **de phusht shtiga pat**[a-boi]
queimar o roçar pedaço pat[a-boi]
 queimar a roçada de pata de boi

27 GIO: **têna um pre**nã
espinhos cair trazer
 fazer espinhos cair

28 JUS tu ajudo o pai ↑**ontem**=

29 SAN: uhum::

30 JUS: [a::h]daí

31 é **fácil** né-é só falar que tu ajudou lá no:

32 (.)

33 no chiqueirinho novo

Figura 6 – Capturas de tela de vídeo do Excerto 4

Imagem 4.1



Imagem 4.2



Imagem 4.3



O início do Excerto 4 mostra a interagente Sandrina se aproximando da “roda” de conversa em andamento, quando é questionada pela tia, Jussara, sobre sua gata de estimação (l. 1). Jussara não chega a finalizar seu turno, quando Sandrina direciona seu olhar para o local onde supostamente se encontra a mascote,

verificando a posição do felino antes de responder a pergunta (Imagem 4.1, l. 2). Após a resposta de Sandrina (l. 3), Jussara move seu torso para a direita e inclina levemente seu corpo para trás, buscando visualizar a menina e incluí-la na interação. Enquanto tia e sobrinha mantêm o diálogo em português, Silvia, a mãe de Sandrina, faz uma observação em Deitsch para a menina (l. 5), mais uma vez, sustentando o uso língua de herança dentro do ambiente familiar. Ainda que Silvia não tenha se alinhado com a língua portuguesa escolhida para interação entre Jussara e Sandrina, ela ajusta sua posição no espaço em que ocorre a conversa para incluir a menina e inserir ela na formação da “roda” interacional (Imagem 4.2, l. 5).

Na linha 15, Jussara faz uma pergunta, em Deitsch (*ɔut sã ↑crastsã/* ela arranha). A troca de código aqui está relacionada com a mudança de endereçamento uma vez que quem responde ao turno de Jussara é Silvia (l. 16). Ou seja, Jussara falava em português com Sandrina, mas muda de língua ao endereçar a pergunta à Silvia, que é quem sustenta o uso da língua de herança.

A pergunta de Jussara gera um pedido de reparo por parte de Silvia (l. 16) e após Jussara repetir o turno (l. 17 - *ɔut sã ↑crastsã/* ela arranha), Silvia responde a pergunta (*ʃcuc mo denã sain hend/* olha as mãos dela), pegando as mãos de Sandrina e mostrando-as para Jussara (Imagem 4.3, l.18). Dessa forma, ainda que a resposta à pergunta de Jussara não confirme “com todas as letras”, mostra-se verbal e corporificadamente confirmativa.

Fica evidente que, apesar da reorganização do espaço interacional realizada pela ação de mover a cadeira para trás (l. 5) e inserir Sandrina na interação, Silvia insiste em manter como língua base da interação o Deitsch. Ainda que os turnos de

fala de Sandrina (l. 4, 6, 8 e 10) sejam realizados em português e a tia Jussara se alinhe com a mudança de língua (l. 2, 7, 11, 12, 25, 28, 30-33) Silvia persiste na língua de herança ao longo de todo o segmento. A sustentação de língua realizada por Silvia no Excerto 4 evidencia que o ambiente familiar, na comunidade da família participante da pesquisa, tem como língua base interacional o Deitsch. Mesmo que para alguns interagentes que circulam por outras comunidades linguísticas, como acontece com Sandrina, a preferência de língua seja o português, o ambiente de casa é onde os pais, nesse caso a mãe, Silvia, sustentam o Deitsch e mantêm a tradição, a cultura e a identidade através dessa língua.

No excerto apresentado a seguir (Excerto 5), podemos observar como o uso de línguas diferentes pode estar associado a ações diferentes. E, do mesmo modo que os interagentes do Excerto 4, os participantes adultos dessa conversa mantêm mais constante o uso do Deitsch em casa enquanto a criança dá preferência ao português. A interação acontece na casa do casal Roberta (ROB) e João (JOÃ) e sua filha, Marina (MAR). Os três estão assistindo televisão em sua sala de estar. Nos juntamos aos interagentes no momento em que é transmitida a previsão do tempo, pelo telejornal, e Roberta faz um comentário sobre a chegada de uma frente fria. Isso gera a mobilização de recursos semióticos para o gerenciamento do alinhamento entre os interagentes, além de nos dar indícios sobre as identidades e o contexto dos participantes.

Excerto 5

01 ROB: wo sol do quinta so khalt ↑keba
onde precisa PRT assim frio ficar
 da onde é pra ficar tão frio quinta
 02 (0,9)
 03 JOÃ: é pra ficar muito frio& (.) muito frio
rob &acaricia MAR-->
 04 JOÃ: de n:ovo-tá lo:uco
 05 (0,8)

06 JOÃ: **tô de saco cheio disso*#**
 #img. 5.1
 joã *puxa manga da blusa
 p/ baixo-->

07 (1,1)

08 JOÃ: **die* wowo wó ewa to- main cot na molã**
 -->*
ela vovó era antes aqui meu deus do céu
a vó estava antes aqui-meu deus do céu

09 JOÃ: **die hot to gãhuct (.) fakhalt fakhalt**
ela tinha aqui sentar gelada gelada
ela tava aqui sentada com muito frio

10 JOÃ: **°°die-die°° tud sich ah net worom on**
ela-ela faz seu PRT não quente ligar
ela-ela não se veste quente também

11 (1,1)

12 JOÃ **né* marina**
 *olha p/ MAR-->

13 MAR **uh*um:**
 ->*

14 (3.8)

15 ROB: **di%e# hat khen iagã***
 #img. 5.2
 mar %MAR mov. corpo p/ frente olha p/ JOÃ-->
 joã *olha p/ MAR-->
ela tem nenhum casaco
ela não tem casacos

16 JOÃ: **olha o **khap bo%ni%to# que ela fez pra**
 #img. 5.3
 joã ----->>*olha p/ ROB-->
 mar ----->>% %MAR mov cabeça p/ lado-->
 a touca

17 JOÃ: **marina**

18 MAR: **é: %**
 ->>%

19 ROB: **is dat net main**
é isso não meu
essa não é a minha

20 JOÃ: **nã:% el[a fez]-*hoj%e ela% tr#ouxe antes**
 #img. 5.4
 ----->>*
 mar %MAR olha p/ ROB% %MAR pega na touca-->

21 MAR: **[nã:]**

22 MAR: **u-h%um**
 ->>%

23 (1.8)

24 JOÃ: **puxa saco da marina**

Figure 7 – Capturas de tela Excerto 5

Plano geral

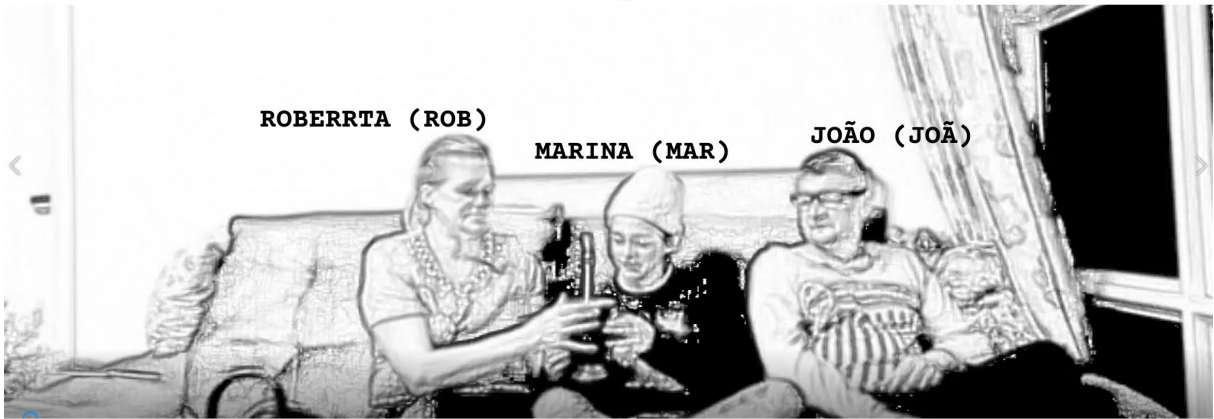


Imagem 5.1



Imagem 5.2



Figura 8 – Capturas de tela do vídeo Excerto 5

Imagem 5.3



Imagem 5.4



O início do Excerto 5 é marcado por um comentário de Roberta (l. 1) em Deitsch sobre a previsão do tempo, que avisava sobre a aproximação de uma frente fria. O seu turno de fala é caracterizado por dúvida, perceptível através da entonação ascendente no final da frase, indicando um pedido de resposta. Discorrida uma pausa de 0.9 segundos, João responde Roberta, confirmando a chegada do frio naquela semana (l. 3 e 4) em um turno de fala em português. Em seguida, João se alinha com Roberta, também manifestando sua insatisfação com a chegada de uma nova frente fria através de uma avaliação (*tô de saco cheio disso*) (l. 6). A troca de código, poderia ser compreendida, nesse momento da

interação, como uma forma de buscar o alinhamento também de Marina, que mostra preferência ao uso do português nas conversas em família.

No momento em que João expressa sua insatisfação com a chegada do frio, ele também realiza um movimento indexical de puxar a manga de sua camiseta para baixo (Imagem 5.1, l. 6). Dessa maneira, recursos verbais e corporificados são usados de maneira simultânea. Após 1.1 segundos sem fala, na linha 7, sem que Roberta ou Marina tomem o turno, João narra algo novo, mas relacionado ao tema “frio” (die* wowo wó ewa to- main cot na molã/ a vó estava antes aqui-meu deus do céu), (l. 8). Aqui, é possível perceber que João fala em Deutsch, enquanto nos turnos anteriores utilizara o português. As trocas de código realizadas por João parecem indicar buscas de alinhamento ora de Marina e ora de Roberta, levando em conta as preferências de uso de língua de cada uma das interagentes. Ao mudar do português para o Deutsch, contudo, João realiza a sustentação da língua de herança no contexto familiar.

Entre as linhas 8 e 10, João traz motivos para sua insatisfação com a chegada do frio, ao dizer que sua mãe, a quem refere-se como “wowo” (l.8), havia passado muito frio em um momento anterior àquele dia. E, como busca de afiliação de Roberta e Marina, João repete a palavra “*fakhalt*” como mais um recurso semiótico para fazer sentido no aqui e agora interacional. Na linha 10, contudo, ele traz uma justificativa para sua mãe estar passando frio: (°°die-die°° tud sich ah net worom on/ ela-ela não se veste quente) e busca a afiliação de Marina ao endereçar a ela a pergunta (né* marina) ao mesmo tempo em que direciona seu olhar para a filha como recurso de alcançar o alinhamento dela. É importante destacar, nesse momento, que Marina vai para a escola de manhã e passa as

tardes com a avó. Desse modo, em seu turno de fala, João não apenas busca o alinhamento de Marina, mas sua confirmação sobre o modo de vestir da avó.

Depois de uma pausa de 3.8, na linha 14, Roberta toma o turno de fala, em Deutsch, e, por meio de uma entonação sarcástica, ela responde o turno de João e justifica o porquê da wowo não se vestir quente (di%e hat khen iagã*/ ela não tem casacos). De maneira simultânea ao turno de fala de Roberta, Marina se posiciona para frente atingindo o campo de visão de João que olha para a menina, percebe que ela está usando uma touca feita pela avó e diz (olha o **khap bo%ni%to que ela fez pra marina) (l.16 e 17). Logo após iniciar seu turno de fala, João direciona o olhar para Roberta (Imagem 5.3, l.16), buscando a afiliação da esposa. Simultaneamente, no meio do turno de fala do pai, Marina vira a cabeça em direção a mãe, para alcançar o seu campo visual e se fazer ver. Roberta, na linha 19, questiona se a touca não é sua e na sequência João e Marina negam. Marina, inclusive, leva sua mão à cabeça (Imagem 5.4, l. 20) como forma de assegurar a touca que ganhou da avó.

Nessas atividades do Excerto 5, é possível perceber como a atenção e o entendimento dos interagentes são desenvolvidos internacionalmente e como, mesmo sem tomar o turno até então, Marina demonstra alinhamento e afiliação com os pais na conversa que se desenrola. Ou seja, a menina mostra que estava atenta ao desenvolvimento da conversa sobre o frio pois ao que João menciona a “wowo” (l.8), Marina realiza uma ação de mostrar para a mãe e para o pai a touca que a avó fez para ela. Desse modo, podemos depreender que é pela interação que se desenvolve, também, um processo cognitivo através do qual Marina realiza sua

participação primeiro de formas corporificadas e em seguida tomando o turno em resposta à solicitação de reparo de Roberta (l.19).

Além disso, esse excerto (Excerto 5) apresenta mais exemplos de como a troca de código faz o gerenciamento e a busca por alinhamento e afiliação entre os interagentes na e durante a fala-em-interação. A análise da sequencialidade das condutas verbais e corporificadas de Roberta, Marina e João nos mostra como a língua é negociada, sustentada (ou não) e interpretada pelos sujeitos no aqui e agora interacionais.

4.5 Da sustentação do Deitsch à indexicalidade e a constituição do contexto familiar

Além de compartilhar os referentes indexicais, os interagentes apresentam e criam o contexto social ao longo da conversa. Ou seja, é na fala-em-interação que os interagentes falam e discutem sobre questões cotidianas e indexam, por meio de itens lexicais e expressões, elementos de sua cultura, da sua rotina e de suas identidades, como já discutido anteriormente.

Ao longo da interação que ocorre no Excerto 6, apresentado a seguir, podemos observar como o ambiente é criado e sustentado através da indexicalidade. Diferente dos excertos anteriores, a interação no Excerto 6 foi gravada somente em áudio, por decisão dos participantes. O Excerto 6 tem como interagentes Sandrina (SAN), João (JOÃ), Silvia (SIL), e a tia Jussara (JUS). A interação apresenta mais casos de troca de código e de sustentação de uma das línguas ao longo da fala-em-interação, bem como também um exemplo de alternância de código.

Excerto 6

- 01 SIL: °°frô mo op die andrã rapadurã wolã
 °°pergunta PRT se ela outra rapadura querem
 pergunta se os outros querem rapadura
- 02 SIL: han°°
 tinha
 (vão querer)
- 03 SIL: hol mo an shtik trivã prem mo hea de
 pega PRT um pedaço lá trás PRT aqui o
 pega um pedaço lá trás aqui o
- 04 SIL: pote
 05 (1.5)
- 06 JUS: tu não tá comendo ↑sandrina
 07 (1.3)
- 08 JUS: ↑rapadura
 09 (0.7)
- 10 SAN: m::-m::
- 11 JUS: por que ↑não
- 12 SAN: °eu não gosto°
- 13 JOÃ: die pahc nics me sã chligã
 ela consegue nada mais PRT engolir
 ela não consegue mais engolir nada
- 14 SAN: eu não gosto [muito]
- 15 JUS: [das is vitaminã]
 isso é vitamina
 isso é vitamina
- 16 SIL: [dat is a:::i] chlecht
 [isso é a:::i] ruim
 ela está é mal acostumada
- 17 SIL: acostumiad
 acostumada
- 18 (.)
- 19 SIL: [to] musma anachta on [fenhã]
 aqui precisa diferente ligar [começar]
 temos que começar diferente
- 20 JUS: [↑hé]
 hã
 que
- 21 SAN: [°eu não] gosto
 22 muito°
- 23 JUS: porque ↑não (.) não é querer gostar ou
 24 [não isso é uma vitam:na]
- 25 SIL: [am tish trivã (.) am tish]
 na mesa lá (.) na mesa
 na mesa lá na mesa
- 26 (0.5)
- 27 JUS: melado (.) tu tem que comer um pouquinho
 28 de amendoim: m °°tá comendo nozes
 29 ↑então°°
 30 (2.5)
- 31 SAN: °é:::°
- 32 JUS: de ↑ve::z em qua::ndo né
 33 (1.0)
- 34 SAN: é::

O Excerto 6 inicia com uma ordem de Silvia (l. 1-4) a outra pessoa presente na cozinha, onde ocorre a conversa. Como a gravação aconteceu apenas em áudio não se pode garantir quem é a pessoa endereçada. Contudo, a partir das práticas culturais locais e da própria sequencialidade da conversa, infere-se que a ordem tenha sido dada a Sandrina, filha mais nova de Silvia e João. Aqui é interessante apontar para uma prática comum nas comunidades do interior, como é o caso de Bom Princípio, principalmente em famílias descendentes de alemães. A pessoa mais jovem em um grupo familiar é responsável por tarefas pequenas, como as de buscar alguma coisa que não esteja ao alcance dos mais velhos. Sandrina, além de ser a mais jovem da casa, é menina. E, ainda nas práticas locais, mulheres são tomadas como responsáveis pelas tarefas rotineiras do lar.

O turno de fala de Silvia nas linhas 3 e 4 apresenta duas ordens distintas (*hoi mo an shtik trivã prem mo hea de pote/ pega um pedaço lá traz aqui o pote*). Da mesma forma que não é possível ter certeza a quem a ordem é endereçada, não se sabe aqui quem deveria pegar um pedaço de rapadura. Contudo, como o próprio desenrolar da conversa revela, a sequencialidade da interação nos mostra que é Sandrina que não se serve de um pedaço.

Nesse mesmo segmento, ocorre a troca de língua ao final do turno de fala de Silvia, com o item lexical “pote” (l. 4). A troca de código, nesse caso, pode sinalizar informações que na conversa monolíngue seriam representadas por ênfase, entonação ou prosódia, por exemplo (GAFARANGA, 2007). Em outras palavras, a troca de código é utilizada neste exemplo para enfatizar sobre o que se trata a ordem proferida por Silvia.

Discorrido um tempo de pausa (l. 5), Jussara, que é cunhada de Silvia, se reporta para a sobrinha Sandrina com uma pergunta (*tu não tá comendo*

↑sandrina). Novamente, na ausência de registros de imagem, não temos acesso ao conteúdo visual e as condutas corporificadas dos interagentes. Contudo, com base na sequencialidade, infere-se que Sandrina, diferentemente dos outros participantes, não pega nenhum pedaço de rapadura para comer. O que segue é uma pausa de 1.3 segundos, na linha 7. Sem uma ação responsiva de Sandrina, Jussara retoma o turno de fala e realiza uma espécie de auto-reparo (l. 8 - ↑rapadura), acrescentando uma informação à pergunta endereçada à Sandrina.

A menina responde depois de uma pequena pausa, negando por meio de uma vocalização (l. 10). Não satisfeita com a negação minimamente produzida pela menina, Jussara busca explicações (l. 11 - por que ↑não), ao que Sandrina responde, em volume baixo: °eu não gosto° (l. 12). Quase de forma sobreposta à Jussara, João toma o turno e responde à pergunta da irmã justificando, em Deutsch, que a menina estaria com dificuldades para engolir (l. 13), provavelmente por uma dor de garganta.

Sandrina volta a dizer que não gosta de rapadura (l. 14), ignorando e se opondo a justificativa realizada pelo pai, no turno anterior (l. 13). Então, Jussara se desafia ao turno de Sandrina oferecendo evidências verbais de que a rapadura tem vitaminas (l. 15) e apontando, assim, a importância de a menina comer rapadura, (i.e., o alimento é bom para saúde). Nesse momento, Silvia reage ao turno de Jussara (linhas 16-17 - [dat is a:::i] chlecht acostumiad/ ela está mal acostumada), trocando o código e, assim, sustentando a língua de herança no ambiente familiar e afiliando-se à Jussara, quando age de forma avaliativa sobre a postura de Sandrina em relação a rapadura (STEENSIG, 2011).

Nesse turno de fala de Silvia, encontramos também um exemplo de mistura de código. O termo “acostumiad” (l. 17) vem de uma palavra em português brasileiro

(acostumada) e foi integrada morfossintaticamente ao repertório linguístico do Deitsch. De acordo com Backus (2015, p. 27), “uma palavra pode ser uma palavra emprestada estabelecida, e, ao mesmo tempo funcionar como uma troca de código”. O termo “acostumiad” proferido por Silvia na linha 17 é considerado uma troca de código insercional por ter elementos da língua portuguesa dentro de um turno realizado em Deitsch. Contudo, também pode ser considerado um exemplo de empréstimo da língua portuguesa que já foi convencionalizado e aceito na comunidade de fala do Deitsch (BACKUS, 2015).

Opondo-se ao marido, que justificara que a menina estava com dificuldades de engolir, Silvia se desalinha a João quando diz que Sandrina estaria mal acostumada. Aqui, percebemos que a mãe mostra preocupação com a alimentação da filha, que estaria deixando de comer alimentos naturais e saudáveis, disponíveis na propriedade da família. Fica implícito, assim, que Sandrina estaria dando preferência a alimentos industrializados. Silvia, completa seu turno de fala (l. 19), explicando por meio de uma avaliação negativa. E, desse modo, podemos inferir que, com sua fala, Silvia esteja reagindo sobre o comportamento da filha e informando que novas atitudes serão tomadas em relação a alimentação dela, como obrigá-la a comer alimentos saudáveis, por exemplo.

A menina se desafia à Silvia (l. 21), repetindo, pela terceira vez, que não gosta de rapadura. A reação de Sandrina à fala da mãe pode ser analisada como uma oposição ao *chlecht acostumiad*/mal acostumada (l. 16-17). Dizendo novamente que não gosta de rapadura, Sandrina se desafia dos demais interagentes, pois não concorda com o que estão dizendo. Assim, a menina poderia estar buscando registrar que, de fato, não gosta do alimento e que não estaria mal

acostumada por isso, tentando ainda evitar a imposição de alimentos que não gosta em sua dieta por parte da mãe.

Após o turno de Sandrina, contudo, Jussara realiza um pedido de reparo porque não (l. 23) e após uma micro pausa no mesmo turno ela insiste sobre a necessidade de comer rapadura, ainda que Sandrina não goste, ela volta a argumentar sobre a qualidade do alimento para a saúde (não é querer gostar ou [não isso é uma vitami:na]) (l. 23-24). Após uma pausa de 0.5 segundos (l. 26), Jussara realiza um autorreparo, na linha 27, completando seu turno anterior ao expressar o termo “melado” e acrescentando uma nova informação (i.g., a rapadura é feita com melado que é natural e tem vitaminas). A preocupação com a alimentação da menina é, dessa forma, compartilhada por Jussara que se afilia a Silvia na tentativa de falar para Sandrina da necessidade e importância de comer alimentos ricos em vitaminas e, sobretudo naturais, como percebemos em seu turno de fala nas linhas 27 e 28.

O que Jussara faz, entre as linhas 27 e 28, é, além de indicar alimentos que seriam importantes para o consumo de Sandrina, questionar a menina sobre a sua alimentação de maneira a responsabilizá-la sobre as próprias práticas e escolhas. Após uma pausa de 2.5 (l. 30), Sandrina mitiga sua resposta com um alongamento da partícula °é::° (l. 31), proferida em volume mais baixo.

O Excerto 6 nos apresenta que a troca de língua é utilizada como um recurso semiótico relacionado à organização da interação, uma vez que o Deitsch é utilizado pelos adultos da interação quando falam entre si, e, nesse caso, o uso do Deistch pode ser associado inclusive à afiliação que Jussara e Silvia sustentam com endosso da postura uma da outra. Além disso, quando a mãe, Silvia, profere ordens domésticas a Sandrina, como inferimos a partir da sequencialidade da interação,

também podemos observar a construção organizacional do contexto familiar e da interação em andamento. Enquanto isso, Sandrina utiliza o português para se opor aos pais e responder às solicitações da tia Jussara.

A forma como o significado da troca de código é construída na interação também fica evidente no Excerto 6. De acordo com Wei (2002), línguas diferentes têm significados sociais diferentes. E esses significados são trazidos e provocados ao longo da interação, como quando Jussara e Silvia discorrem sobre a resistência de Sandrina para comer rapadura (l. 15-17). Os turnos de fala em Deitsch e o seu conteúdo expressam significados contextuais e culturais compartilhados pelas duas através da língua em comum.

A escolha da língua pode ser analisada no Excerto 6 como uma estratégia para alcançar engajamento. E o ocorre quando Jussara troca do Deitsch para o português como forma de orientar-se para Sandrina e engajá-la na interação e sobre aquilo é discutido ao longo da conversa. Conforme Weinreich (1953), "o bilíngue ideal muda de idioma de acordo com mudanças na situação de fala". No exemplo do Excerto 6, enquanto o Deitsch era usado para discutir a situação de Sandrina, o português servia para fazer a menina se alinhar e convencê-la sobre os benefícios de uma boa alimentação. Muito além disso, o uso simultâneo das duas línguas durante as interações comprova os limites entre comunidades linguísticas diferentes se tornou mais fluido, com impactos, inclusive, nas identidades dos sujeitos.

Na sequência interacional apresentada a seguir, podemos perceber de forma mais evidente as questões exploradas ao longo do Excerto 6. Além da sustentação do Deitsch, realizada por Silvia e as trocas de código feitas por Jussara na tentativa de engajar Sandrina, podemos observar como ocorrem a mobilização de recursos semióticos distintos que criam uma ecologia na interação que converge para a

construção de identidade dos interagentes e significados sociais. Nos juntamos aos participantes quando um dos cachorros da família, mascote de Sandrina, entra na casa em que estão os interagentes.

Excerto 7

- 01 JUS: olha só quem apareceu
 02 (1.2)
 03 JUS: meu deus ich han de hund nime
 eu tinha o cachorro nunca
 meu deus eu não conheci mais o cachorro
 04 JUS: gâkhend
 conhecer
 05 (1.0)
 06 JUS: sandrina eu achei que não Era o teu cachorro:
 07 SIL: [hahaha]
 08 JUS: [main cot na mol]a de is kans-
 meu deus] ele é todo
 meu deus do céus ele está todo-
 09 tu tem que dar um BAnho nele
 10 SIL: {{rindo} [sód to ted nóh fela}]
 diz aqui tinha ainda falta
 diz era o que faltava
 11 JUS: [wo hara sich so treguish
 onde tinha se assim sujo
 onde ele se sujou assim
 12 †gâmach]
 feito
 13 SIL: tod uwa in de shwaina [shtal ich] men ich-
 ali cima no o porcos galpão eu penso eu-
 lá em cima no chiqueiro eu acho eu
 14 JUS: =[†hé]
 quê
 15 SIL: não sei wo rom de gâcrobt had
 onde volta o cavocar tinha
 não sei onde eletinha cavocado
 16 JUS: ne:: ich han gâment die han andre HUNd
 não eu tinha pensado ela tinha outro cachorro
 não eu tinha pensando que ela tinha outro cachorro
 17 de is gâshbrom khom hod ich shon pan un
 o é correr veio tinha eu já medo e
 ele veio correndo eu já estava com medo e
 18 ich wust das net das die sandrina saina
 eu sabia essa não essa a sandrina seu
 eu não sabia que esse era o da sandrina
 19 wea ich han de net gâkhent me sandrina-
 Era eu tinha o não conhecer mais sandrina
 eu não conhecia mais ele
 20 eu não conhecia mais ele sandrina (.)
 21 porque ele é todo clarinho olha só o estado dele
 22 SAN: °m:-hm: °
 23 JUS: se dá chuva hoje de tarde ele vai se recuperar de novo
 24 com a cor [dele]†né
 25 SAN: [°°u:hum°°]
 26 (3.0)
 27 JUS: e:u Acho

28 (4.2)
 29 SIL: **ALA sandrina rauss gaiot tan**
PRT fora enxotar então
 vamos sandrina manda pra fora então
 30 JUS: **de wil shpila (.) °óram dea °**
o quer brincar pobre criatura
 ele quer brincar coitado
 31 (.)
 32 JUS: **musma noh taurã de hund ↑kel**
precisamos ainda pena o cachorro né
 tem que ter pena do cachorro né
 33 (1.1)
 34 JUS: **die sen direct acostumiad mit xxx-**
ela são direto acostumado com xxx-
 eles são acostumados com xxx-
 35 **de wil na shtikchie xxxxx**
o quer um pedacinho xxxxx
 ele quer um pedacinho
 36 SIL: **de frist ken**
o comer gosta
 ele gosta de comer
 37 JUS: **tura ↑fresã**
PRT come
 ele come
 38 (0.9)
 39 SIL: **[io de xxxx]**
sim o xxxx
 sim ele xxxx
 40 JUS: **[olha sandri]na agora eu sei**
 41 SAN: **ele come Uva melancia:**
 42 JUS: **hm::hm: eu vi: ó-ele come a::-o amendoim tu**
 43 **tu não come**
 44 (1.5)
 45 JUS: **↑kél**
 né

Na linha 1, apesar de não termos a gravação em vídeo da interação, percebemos que Jussara reage à chegada de um cachorro no espaço da conversa (olha só quem apareceu). E, após uma breve pausa, na linha 2, ela reporta que não reconheceu o cachorro (l. 3-6). Quando justificaria o motivo (l. 8), Jussara suspende o turno de fala em Deitsch e realiza a troca de código para se direcionar diretamente à Sandrina com uma ordem (tu tem que dar um BAnho nele) (l. 9). Mesmo que Jussara não tenha mencionado o nome de Sandrina nesse turno, fica claro, através da troca de código, que a sugestão, quase imperativa (“tu tem que”) é dirigida à menina.

Silvia, nas linhas 7 e 10, reage com risada a situação reportada por Jussara sobre o cachorro demonstrando, assim, ter achado graça do que Jussara falou. Contudo, Jussara muda o tom da conversa e solicita onde o cachorro se sujou (l. 11 e 12). Nesse momento a relação parece mudar entre as Jussara e Silvia quando esta assume um tom mais sério ao responder a cunhada e supõe que o cachorro tenha se sujado no chiqueiro (l. 13). Em um turno sobreposto ao de Silvia, Jussara inicia uma sequência de reparo (l.14), continuada por Silvia na linha 15, que expressa não saber onde o cachorro cavocou, mas que provavelmente tenha sido por isso que estaria sujo.

Entre as linhas 16 e 20, Jussara realiza um autorreparo. Ao começar o turno da linha 16 com uma negativa, ela se opõe ao que disse anteriormente sobre não ter conhecido o cachorro por ele estar sujo. Ao mesmo tempo ela apresenta uma nova justificativa para sua reação que seria não reconhecer o cachorro por confundi-lo com outro (uma vez que a família de Sandrina têm vários). Nesse momento, parece que ela deixa de fazer menção a sujeira do animal e da necessidade de dar um banho nele, para trazer outra justificativa para sua surpresa. Entre as linhas 19 e 20 é interessante observarmos a ação que Jussara realiza de mediação linguística. Nesse caso, não como forma de incluir ou convidar a participação um falante monolíngue que não entenderia o turno em Deutsch da linha 19, mas por saber que Sandrina, a quem o turno é endereçado, demonstra preferência por falar em português. Desse modo, a “tradução” do turno da linha 19 é, também, uma forma que Jussara encontra para conquistar alinhamento e afiliação de Sandrina.

Nos turnos de fala das linhas 21, 23, 24 e 26, Jussara volta a pautar o estado de sujeira do cachorro. Nesses turnos, ela usa o português. Além disso, a entonação e o volume que utiliza ao produzir sua fala evidenciam que a pessoa endereçada é

Sandrina, a criança, responsabilizada, já no início da interação, pelos cuidados com o cachorro. A prosódia, nesse caso, é mais um recurso utilizado por Jussara dirigir-se à Sandrina e responsabilizá-la pelos cuidados domésticos, como do cachorro. Enquanto isso, Sandrina responde aos turnos da tia de forma positiva, mas por meio de vocalizações em volume mais baixo (l. 22 e 25). Jussara enfatiza seu incômodo com a situação do cachorro através do prolongamento de termo e aumento de volume em determinadas letras em seu turno da linha 27 (e:u acho) após uma pausa de 3.0 (l. 26).

Silvia é quem volta a tomar o turno (l. 29), após uma pausa de 4.2, com uma ordem direta à Sandrina, em Deitsch (ALA sandrina rauss gaiot tan/ vamos sandrina manda pra fora então). Silvia, que anteriormente conferiu graça a situação do cachorro, assume aqui uma posição mais séria e autoritária. Isso fica claro pelo aumento de volume que utiliza ao proferir sua fala com uma ordem imperativa dirigida à Sandrina. O uso do termo “tan”/ então tem uma função indexical na interação, porque faz referência às ações de Jussara em chamar atenção para o estado do cachorro. Dessa forma, a ação de Silvia em ordenar que Sandrina expulse o cachorro da casa pode ser caracterizada como uma reação aos turnos de Jussara.

Além disso, Silvia, como vimos anteriormente, sustenta o uso do Deitsch. Não fica claro o que acontece em termos de ação envolvendo o cachorro, na sequência, pela interação não ter sido gravada em vídeo, contudo Jussara parece ter uma postura avaliativa que oscila entre indicar que o cachorro precisa de cuidados e mitigar sobre a situação com observações menos objetivas. Nesse momento, Jussara faz uma observação (de wil shpila / ele quer brincar) (l. 30) e, após uma micropausa no mesmo turno ela caracteriza o cachorro como °óram dea ° pobre

criatura. Na linha 35, provavelmente orientada para algum movimento do cachorro, Jussara faz uma observação (de wil na shtikchie xxxxx/ele quer um pedacinho xxxxx) e Silvia traz uma informação (de frist ken/ ele gosta de comer) (l.36) voltando a se afiliar com a cunhada na interação. Jussara pede um esclarecimento, na linha 37, e, em seguida, de maneira sobreposta ao turno de Silvia (l.39), Jussara se reporta diretamente à Sandrina ([olha sandri]na agora eu sei). Pelo turno de fala de Jussara e pela posição sequencial, fica evidente que o cachorro queria um pedaço de rapadura, o que é confirmado por Silvia, nas linhas 36 e 39, ainda que sem nomear com todas as letras “rapadura”.

Sandrina, responde ao turno de Jussara, citando alimentos que o cachorro costuma comer (l. 41). Jussara, em seguida, concorda verbalmente e indica (ó-ele come a:::-o amendoim tu não come) (l. 44 e 43), provavelmente orientada para a ação do cachorro em comer um pedaço de rapadura. A interação acaba sem que Sandrina responda à tia (l. 45) desalinhando-se com Jussara.

A interação do Excerto 7 deixa evidente como a troca de língua é usada como um recurso para angariar o alinhamento dos interagentes, como também já foi observado ao longo da apresentação de excertos anteriores. Além disso, é possível observar o quanto o Deitsch está sendo sustentado no ambiente familiar principalmente, nesses exemplos, por Silvia, mãe de Sandrina.

Outro ponto importante de observação no exemplo do Excerto 7 é o uso de itens lexicais como “de”, “die”, “ele” “dele”, “wo rom” que demonstram referências à sujeitos, elementos e lugares de conhecimento compartilhado entre os interagentes. Essas referências criam e significam o contexto social dos interagentes, bem como suas identidades. Ou seja, mesmo que os indivíduos não falem com todas as letras

sobre suas vidas e rotinas, o uso da indexicalidade nos dá indícios desses elementos macrossociais na fala-em-interação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A existência de ideologias linguísticas em contextos bi/multilíngues fez com que, por muito tempo, línguas diferentes fossem estudadas, compreendidas e usadas com sistemas e com significados distintos. Campanhas de colonização e movimentos migratórios foram responsáveis pela coexistência de diferentes línguas e culturas dentro de um único território, como o Brasil. A força de imposição do povo colonizador sobre os colonizados, do país de acolhimento sobre os imigrados, incidiu diretamente sobre as línguas e fomentou o desenvolvimento de ideologias de língua padrão e línguas minoritárias.

Mesmo países caracteristicamente constituídos através da miscigenação e pelo movimento entre culturas diferentes, como o Brasil, buscaram traçar planos e campanhas governamentais que almejavam a reestruturação social, fenotípica e identitária de sua população. O que levou em consideração a proibição, minimização e o conseqüente apagamento de línguas minoritárias, como as línguas de imigração.

As ações federais que visavam uma unificação e a nacionalização do povo brasileiro através de doutrinas de branqueamento e políticas linguísticas que proibiam o uso de línguas minoritárias foram deixadas de lado ou aplicadas de maneiras menos incisivas. Um exemplo disso é a dicotomia que se desenrola a partir do desenvolvimento de inventários de línguas de imigração, por um lado, e o ensino apenas de línguas padrão (de prestígio) em escolas públicas, por outro.

A partir da redemocratização do Brasil e apesar das mudanças sociais ocorrerem a passos lentos, a reflexividade acerca da pluralidade étnica, racial, cultural e linguística passou a ser mais frequentemente pautada nas esferas públicas da sociedade brasileira. Continua-se, contudo, aprendendo diariamente sobre a necessidade de nos compreendermos enquanto sociedade miscigenada e

heteroglóssica – reflexos de movimentos migratórios, de ideologias e de saberes situados.

É esse pensamento reflexivo e crítico sobre nossa constituição enquanto sociedade plural e múltipla que possibilita também o pensar as línguas como sistemas que coexistem e que juntos adquirem novos significados (WEI, 2017). E como vimos ao longo das análises interacionais nesta pesquisa, é por meio da fala-em-interação enquanto prática social que os sujeitos se organizam e constroem esses significados local e temporalmente uns com os outros.

Além de apresentar um panorama histórico da imigração alemã ao Brasil e a constituição de Bom Princípio como contexto de nossa pesquisa, também discutiremos sobre o bilinguismo e o conseqüente desenvolvimento e sustentação de ideologias linguísticas. Nesse sentido, nos preocupamos em apresentar os embates e dicotomias entre políticas e práticas linguísticas no Brasil, bem como a constituição e o desenvolvimento de uma língua de imigração alemã falada no Brasil. Para isso, foi necessário observar como um contexto bi/multilíngue pode ser analisado através das lentes da translinguagem.

Na metodologia explanamos sobre um panorama geral da Análise da Conversa Multimodal, aporte teórico e metodológico utilizado nesta dissertação. Além disso, preocupamo-nos em explicar ao leitor sobre o processo de geração dos dados desde à seleção e contato com os participantes até os cuidados éticos com as gravações e dados sobre as famílias que colaboraram com a pesquisa. Tudo isso com o objetivo de aproximar o leitor do contexto deste trabalho e sobre os sujeitos da pesquisa.

Quanto a análise, optamos por dividi-la em quatro subseções tendo em vista os objetivos que contemplam este trabalho. Na primeira delas, analisamos como a

troca de código pode ser utilizado para angariar alinhamento na busca por um referente traduzido. Na próxima subseção, discorreremos sobre mediação linguística e a sustentação do Deitsch no ambiente familiar. Em seguida, na terceira parte, observamos como as condutas corporificadas e a troca de código se relacionam com o gerenciamento de alinhamento na e durante a interação. E na última subseção buscamos analisar como os interagentes coordenam a sustentação da língua materna e a indexicalidade criando, assim, o seu contexto e as suas identidades.

6.1 Uma retomada à pergunta e aos objetivos da pesquisa

Nesse momento é importante que retomemos a pergunta e os objetivos de pesquisa que nortearam este trabalho, para, depois discorrer sobre as reflexões finais proporcionadas pela análise dos dados.

a) Quais as ações, atividades e papéis desempenhados pelos interagentes a partir das trocas de código em ambiente familiar?

Ao longo da análise dos dados pudemos perceber como os sujeitos, a partir de atividades como a de tomar chimarrão em encontros familiares, por exemplo, realizam ações de sustentação de língua. Além disso, percebemos a busca de alinhamento e afiliação entre os interagentes e, também, como os sujeitos, seja por meio da alternância de línguas, volume ou entonação, por exemplo, desempenham seus papéis interacionais ao longo da fala-em-interação.

Nos excertos 1 e 2 pudemos observar que as interagentes estão envolvidas em uma conversa enquanto tomam chimarrão e se envolvem em uma discussão

sobre a tradução de itens lexicais em Deutsch. As sequências e as tomadas de turno, nos dois primeiros excertos, estão relacionadas diretamente com a organização das trocas de código e ações (MONDADA, 2018) de alinhamento e afiliação entre as interagentes. Ou seja, as trocas ocorridas do português para o Deutsch, algumas vezes ao final dos turnos de fala (troca insercional) e outras onde o Deutsch era usado para solicitar o alinhamento de outra(s) interagente(s) na atividade de buscar o referente traduzido.

Nesses dois exemplos iniciais, podemos observar também os *papéis discursivos* assumidos pelas interagentes ao longo da interação. Ou seja, os sujeitos realizam ações específicas, como a de sustentar ou não uma língua, por estarem em uma determinada posição (SILVEIRA & GAGO, 2005). Quando uma das interagentes busca alinhamento de outra para a tradução de um termo, através do Deutsch, e a respondente atende e mantém a mudança de código acaba também sinalizando “um determinado papel discursivo em questão, em um dado momento da interação” (SILVEIRA & GAGO, 2005, p. 4).

Esses papéis discursivos são observáveis também nos demais excertos deste trabalho. Nas interações dos excertos 4, 6 e 7 percebemos os diferentes papéis discursivos que são assumidos por Jussara ao longo da interação com as trocas de código que ela realiza tanto para angariar o alinhamento de Sandrina, que tem preferência ao uso do português, quanto para afiliar-se com Silvia em relação à educação e cuidados da sobrinha, em Deutsch. Essas interações também apresentam como Silvia assume o papel de sustentar o Deutsch no ambiente familiar, principalmente através de ordens para a realização de atividades domésticas e cotidianas para a filha caçula, Sandrina.

b) compreender como os interagentes, a partir do uso de duas línguas, das trocas de código e de condutas corporificadas constituem e significam o contexto social em que estão inseridos e as suas identidades.

Observamos ao longo das interações que as próprias línguas se configuram como indexicais por trazerem à tona *na* conversa significados compartilhados entre os interagentes (perceptíveis através do alinhamento com as trocas de código ou na sustentação de uma língua ao longo da conversa). Além disso, o uso de itens e expressões indexicais também demonstram a criação, a sustentação e a manutenção dos contextos dos sujeitos.

Nos excertos 1 e 2, a principal língua usada na interação é o português. Ainda assim, o Deitsch aparece¹ na conversa exprimindo um saber que é situado em outra língua que não o português. E, dessa forma, as interagentes entram em uma negociação, em Deitsch, para conseguirem traduzir as palavras em questão. Ou seja, muito mais do que a simples troca de código, usada para manifestar um termo que não apresenta um que seja similar na língua base, o Deitsch é usado como um saber compartilhado entre as irmãs presentes nas interações, nesses casos.

O ambiente familiar parece se tornar contexto de convergência entre o Deitsch e o português nos excertos apresentados ao longo desta dissertação. Seja quando percebemos que membros mais jovens da família já optam por interagir somente em português, ou quando sujeitos monolíngues (que falam apenas o português) são agregados às famílias bilíngues o uso simultâneo das duas línguas é mais comum e fluido.

¹ De acordo com Carranza (2019), o falante, ao dizer algo (ato elocutivo) expressa um significado particular (ato ilocucionário) que busca ter um efeito sobre o destinatário (ato perlocucionário).

Nesse sentido, observa-se que as ações corporificadas têm relação com as trocas de código e constroem significados localmente na interação (MONDADA, 2018). Como exemplo disso, podemos citar os movimentos que os interagentes fazem de olhar uns para os outros em busca de alinhamento tanto para uma atividade específica quanto como para aceitar e manter a troca de língua na interação. De acordo com Mondada (2018, p. 87), “a ação é feita intersubjetivamente e publicamente responsável e inteligível” por meio da sequencialidade, tomada de turnos e organização da conversa.

Por fim, é interessante refletirmos sobre a constituição dos contextos dos interagentes. Ainda que os indivíduos não discutam sobre a identificação do contexto social na interação, existem pistas contextuais perceptíveis através da indexicalidade provocada pelo uso de itens e expressões lexicais, como também pelas atividades realizadas pelos interagentes durante a fala-em-interação. Como exemplo, citamos o Excerto 4, em que Silvia mostra as mãos arranhadas de Sandrina para Jussara como resposta ao turno de Jussara, quando esta pergunta se a gata de Sandrina arranha. Na sequência Silvia manifesta preocupação ao pressupor que a professora de Sandrina fique em dúvida sobre como a menina tenha se machucado. Nesse momento, Jussara oferece uma justificativa para a menina que seria dizer que ela estava no chiqueiro novo do pai.

Assim, apenas nesse trecho, podemos perceber a troca de código (do Deitsch para o português) e ações corporificadas (Silvia pega as mãos de Sandrina para mostrá-las para Jussara) criando o contexto social dos interagentes. Ademais, é por meio dessas ações que os sujeitos constituem também suas identidades, que vão além da mera identificação como bilíngues, mas como híbridas e fluidas (transitórias entre comunidades linguísticas distintas).

c) compreender se e como ocorre a sustentação do Deitsch através das trocas de código realizadas em interações dentro de contextos familiares;

Por mais que possamos observar uma fluidez no uso das duas línguas ao longo das interações é preciso refletir, contudo, sobre uma dicotomia que há em relação ao uso simultâneo das duas línguas. E o exemplo que melhor se enquadra para esmiuçarmos essa reflexão é o Excerto 3 em que Silvia realiza continuamente uma sustentação do uso do Deitsch no ambiente familiar mesmo quando os demais interagentes trocam para o português.

Silvia, de forma contundente, em nenhum momento se alinha às trocas de código realizadas ao longo das conversas. Vale ressaltar, contudo, que no Excerto 6, ela utiliza um termo em português e em outro momento usa a mistura de código. Isso nos mostra que, apesar da persistência em sustentar a língua de herança em ambiente familiar, as figuras parentais (aqui representadas por Silvia) cedem às pressões exercidas pelo português pelo fenômeno da translíngua.

d) compreender como os interagentes organizam a interação a partir do uso de duas línguas;

A organização das interações bilíngues apresentadas ao longo desta pesquisa demonstra a fluidez com que os interagentes utilizam as duas línguas na fala-em-interação. Percebemos, contudo, uma especificidade na organização das trocas de código que pode, também, produzir a sustentação do Deitsch em contexto familiar.

O Deitsch, como pudemos observar, é usado com mais frequência pelos membros familiares mais velhos, que tiveram uma educação realizada por meio dessa língua. Por outro lado, o uso do português fica atrelado aos sujeitos mais jovens que apresentam uma maior transitoriedade por contextos sociais onde o português é a língua majoritária. Desse modo, percebemos o Deitsch sendo usado pelos mais velhos para interação entre si e para proferir ordens aos mais jovens. Enquanto isso, os mais jovens se reportam aos demais em português e, por vezes, conquistam o alinhamento dos mais velhos que se atentam às preferências pelo uso da língua portuguesa.

e) descrever a sequencialidade das interações/tomadas de turnos, ou seja, como os interagentes agem e se orientam na conversa para realizar ou não a sustentação de uma língua no ambiente familiar;

Percebemos, pela descrição e análise das sequências e tomadas de turnos das interações, posturas diferentes dos sujeitos em relação às trocas de código. Podemos distinguir ao menos três tipos diferentes de ações em relação às trocas de código:

- 1) *iniciada para angariar o alinhamento de outra/o interagente* – pessoas mais velhas usam com mais frequência a troca de código para angariar o alinhamento de sujeitos mais jovens quando estes mostram preferência ao uso do português ou quando não falam e/ou não entendem o Deistch;
- 2) *alinhamento à alternância de código* – quando a/o respondente aceita e se alinha à *alternânciade* código;

3) *desalinhamento à alternância de código* – quando a/o interagente não se alinha à mudança de língua e sustenta a língua de herança.

Desse modo, a organização da interação é responsável não apenas por evidenciar se e como ocorre a sustentação do Deitsch em nosso contexto de pesquisa. É também por meio da organização e das próprias ações de sustentação e/ou (des)alinhamento a trocas de código que os papéis discursivos são criados, sustentados e negociados na fala-em-interação.

E se observamos que de fato ocorrem ações de sustentação do Deitsch no ambiente familiar, realizadas principalmente pelas figuras maternas, também existe a sustentação do português realizada pelos jovens, principalmente Sandrina. Segundo Von Mühlen (2019) indivíduos podem realizar a troca de língua ao longo da interação ou optar pelo uso de apenas uma delas tendo em vista uma mudança que pode ser considerada social. Essas mudanças têm relação com pressões ou necessidades impostas pela pluralidade propiciada pela globalização (ALTENHOFEN, 2013).

f) observar se e quais funções semióticas e ações podem ser identificadas da análise de interações bilíngues em ambiente familiar.

Tudo que observamos e analisamos a partir das interações bilíngues converge para a geração de significados na e pela conversa. As línguas, as trocas de código, o alinhamento, a afiliação, a indexicalidade e as condutas corporificadas, para citar alguns, são recursos semióticos que, juntos, criam uma ecologia complexa de significados. O significado, por sua vez, adquire sentido apenas local e temporalmente nas interações.

A partir da análise dos Excertos 6 e 7 podemos perceber que diversos recursos semióticos são mobilizados para a construção de uma ecologia interacional e social onde a criação de Sandrina, filha caçula de Silvia e João, não é responsabilidade apenas dos pais, mas também da tia. Isso fica claro com os turnos de fala de Jussara, ao longo da interação, que ao mudar do Deitsch para o português, de entonação e de volume se dirigia à sobrinha para responsabilizá-la sobre seus deveres e indicar a necessidade de cuidados com a alimentação.

Os saberes culturais, passados de geração em geração, são outros aspectos implicados nas interações através dos recursos semióticos utilizados pelos sujeitos nas conversas. Conhecimentos ancestrais compartilhados entre os interagentes, principalmente por meio do Deitsch, são discutidos, negociados e sustentados ao longo das interações face a face.

6.2 Reflexões finais

A análise de interações bilíngues em contexto familiar nos propiciou a reflexão acerca de como identidades e significados são construídos, sustentados e modificados socialmente na fala-em-interação. Esta pesquisa nos possibilitou também examinar as interações a fim de compreender como duas línguas diferentes, marcadas por ideologias linguísticas, imbricam-se nas conversas cotidianas e configuram novos sentidos aos falantes e ao contexto social.

É possível perceber que existem forças opostas em relação às duas línguas emergindo nas interações. Por mais que figuras parentais tentem ao máximo sustentar a língua de herança, o português adquire espaço nas interações familiares. Desse modo, com o passar dos anos, as duas línguas deixam de ter comunidades e contextos de uso marcados como antes era. A nova geração de

descendentes de alemães representa a pluralidade e a forma fluida com que as línguas e as culturas passam a coexistir.

Ainda que este trabalho tenha priorizado a análise das ações verbalizadas dos sujeitos, pudemos perceber como o corpo também atua na comunicação entre as/os interagentes. A linguagem que me fala, é desse modo, não apenas uma língua (ou duas), mas os movimentos, os gestos e olhares que realizo na fala-em-interação. E é a mobilização desses vários recursos semióticos durante as interações que nos possibilitam compreender como ocorrem, ao mesmo tempo, a sustentação de uma língua materna e de herança em ambiente familiar e a construção de identidades que se configuram como translíngues.

É importante que nos atentemos à preservação do Deitsch, principalmente como parte de nossas histórias e identidades. Contudo, é mais importante ainda dar espaço para que translinguagem e a transculturalidade se tornem possíveis, porque elas também são elementos que constituem as gerações mais jovens.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade; BUSSE, Sanimar. **Contato linguístico e bilinguismo: algumas reflexões para o estudo do fenômeno da variação linguística**. Revista Línguas e Letras, cidade, v. 9, n. 16, p. 11-25, jan/jun 2008. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/1704>. Acesso em: mai. 2021.
- ALTENHOFEN, Cléo V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: Nicolaidese, Christine et al. (orgs.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 93-116.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MORELLO, Rosângela. **Hunsrückisch: Inventário de uma língua do Brasil**. 1 ed. Florianópolis: Editora Gavapuru, 2018.
- APPEL, Rene; MUYSKEN, Pieter. **Language contact and bilingualism**. London: Edward Arnold, 1987.
- ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. **Structures of Social Action: Studies in Conversation Analysis**. In.: Journal of Linguistics. Londres: Cambridge University Press, 1984, 446 p.
- AUER, Peter. **From Code-switching via Language Mixing to Fused Lects: Toward a Dynamic Typology of Bilingual Speech**. (p.1-28), 1995.
- AUER, Peter. (1998) Introduction: Bilingual Conversation revisited. In.: AUER, Peter (ed.). **Codeswitching in Conversation**. London: Routledge, 1998. p. 1–24.
- AUER, Peter. (1999) **From codeswitching via language mixing to fused lects: A dynamic typology of bilingual speech**. International Journal of Bilingualism, 3, 309–332.
- AUER, P; ARNHOLD, J; BUENO-ANIOLA, C. **Being a “colono” and being “daitsch” in Rio Grande do Sul: Language choice and linguistic heterogeneity as a resource for social categorization**. Calidoscópico, v.3, n.3, p.170-183, set/dez 2005.
- BACKUS, Ad. A usage-based approach to code switching: The need for reconciling structure and function. In: STELL, Gerald; YAKPO, Kofi (Eds). **Code-switching between structural and sociolinguistics perspectives**. Berlim: De Gruyter, 2015. p. 19-38.
- BASTOS, Pablo N. **Dialética do engajamento: uma contribuição crítica ao conceito**. Matrizes, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 193-220, jan/abr 2020.
- BEACCO, Jean-Claude. **Langages et repertoire de langues: le plurilinguisme comme <<manière d’être>> en Europe**. Conselho da Europa, Unidade de Política Linguística. Estudo de referência do guia para políticas de ensino de línguas na Europa. 2005

BRAUN, Felipe Kuhn. **História de Bom Princípio: a antiga picada dos Winter**. 1 ed. São Leopoldo: Editora Oikos LTDA., 2015.

CAVALCANTE, Marcilene da Silva N. **Operação lógica e restrição: um estudo semiolinguístico com os conectores mas, embora, mesmo e apesar de**. Veredas: Revista de estudos linguísticos, Minas Gerais, v. 2, n. 23, p. 90-105, 2015.

CORRÊA-ROSADO, Leonardo C. **Teoria semiolinguística: alguns pressupostos**. Revista Momento, Minas Gerais, v. 5, n. 2, p. 1-18, jul/dez 2014.

CRUZ, Fernanda Miranda da. **Interação corporificada: multimodalidade, corpo e cognição explorados na análise de conversas envolvendo sujeitos com Alzheimer**. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 61, n. 1, p. 55-80, jan/abr 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1704-3>. Acesso em: 18 jul. 2022.

CRUZ, Fernanda Miranda da; OSTERMANN, Ana Cristina; ANDRADE, Daniela Negraes Pinheiro; FREZZA, Minéia. **O trabalho técnico-metodológico e analítico com dados interacionais audiovisuais: a disponibilidade de recursos multimodais nas interações**. Revista Delta, São Paulo, v. 35, n. 4. p. 1-36, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/47114/31462>. Acesso em: jun. 2021.

DREY, Rafaela Fetzner; GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos. **O enfoque da multimodalidade na análise de interações professor-alunos**. Letras, Santa Maria, v. 22, n. 44, p. 157-176, jan/jun 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2176148512195>. Acesso em: 18 jul. 2022.

EWALD, Luana. **Língua ou dialeto? Considerações sobre o estatuto da língua de imigração alemã na ciência brasileira**. Linguagens – Revista de Letras, Artes e Comunicação, Blumenau, v. 13, n. 2, p. 269-288, maio/ago 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7867/1981-9943.2019v13n2p269-288>. Acesso em: 2. Jun. 2021.

FISHMAN, J. A. (1991). **Reversing language shift: Theoretical and empirical foundations of assistance to threatened languages**. Multilingual Matters.

FLORES, Hilda A. H. **História da imigração alemã no Rio Grande do Sul**. 1. Ed. Porto Alegre: Edições EST, 2004.

FLORES, Cristina; RINKE, Esther; SANTOS, Ana Lúcia. Línguas de Herança no contexto escolar: contributos da investigação linguística. In.: GONÇALVES, Maria de Lurdes; MELLO-PFEIFER, Sílvia (orgs). **Português Língua de Herança e Formação de Professores**. 1. Ed. Lisboa: Lidel, 2020.

GAFARANGA, Joseph. **Code-switching as a conversational strategy**. In: Peter Auer e Li Wei (eds). Handbook of Multilingualism and Multilingual Communication (p. 279-313), 2007.

GAFARANGA, Joseph. **Talk in two languages**. 1 ed. Londres: Palgrave Macmillian, 2007. 225p.

GAFARANGA, Joseph. (2012). Language alternation and conversational repair in bilingual conversation. **International Journal of Bilingualism**, 16(4), 501-527. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1367006911429520>. Acesso em: 17 jun. 2021.

GARCEZ, P.M.; SALIMEN, P.G. 2011. Pedir e oferecer ajuda para “fazer aprender” em atividades pedagógicas de encenação na falaem-interação de sala de aula de inglês como língua adicional. In.: A.M. BARCELOS (org.), **Linguística Aplicada: reflexões sobre ensino e aprendizagem de língua materna e língua estrangeira**. Campinas, Pontes, p. 97-117.

GOODWIN, Charles. **Conversational organization: Interaction between speakers and hearers**. In: *Language in Society*. New York: Academic Press.1981, p. 89-92. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0047404500009647>. Acesso em: 17 ago. 2021.

GOODWIN, Charles. **Action and embodiment within situated human interaction**. In: *Journal of Pragmatics*. Amsterdam: Elsevier, 2000, v. 32, n. 10, p. 1489-1522. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(99\)00096-X](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(99)00096-X). Acesso em: 17 jun. 2021.

GOODWIN, Charles. **Participation, stance and affect in the organization of activities**. In: *Discourse & Society*. Califórnia: Sage Publications Inc. 2007, v. 18 n.1, p. 53-73. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0957926507069457>. Acesso em: 14 mar. 2022.

GOODWIN, Marjorie Harness. (2006). **The Hidden Life of Girls: Games of Stance, Status, and Exclusion**. Blackwell.

GUMPERZ, John; COOK-GUMPERZ, Jenny. (1982). Introduction: language and the communication of social identity. In: Gumperz (org.). **Language and social identity**. Nova York: Cambridge.

HARJUNPÄÄ, Katariina. Language brokering and differentiated opportunities for participation. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 19, n. 2, p. 152-173, mai/ago 2021. Disponível em: 10.4013/cld.2021.192.01

HERBERT, Robert K. (2001) **Talking in Johannesburg: The negotiation of identity in conversation**. In R. Jacobson (ed.) *Codeswitching Worldwide II*. Berlin: Mouton de Gruyter, 223–250.

JUNG, Neiva Maria. **Identidades sociais na escolar: gênero, etnicidade, língua e as práticas de letramento em uma comunidade rural multilíngue**. 2003. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, jun. 2003.

KLEIN, Renato; STEFFENS, Alex. **Bom Princípio: uma colônia exemplar, um modelo de município**. 1 ed. São Sebastião do Caí: Fato Novo Comunicações Sociais Ltda, 2005.

LEFFA, Vilson; IRALA, Valesca B. (orgs.). 2014. **Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil**. 1ª ed., Pelotas, Educat, 279 p.

LIMA-HERNANDEZ, Maria Célia; SILVA, Roberval Teixeira e. Contextos de mobilidade geopolítica e língua de herança. In: GONÇALVES, Maria de Lurdes; MELO-PFEIFER, Sílvia. (coord.). **Português língua de herança e formação de professores**. 1 ed. Lisboa: Lidel. 2020.

LIN, Angel. Egalitarian bi/multilingualism and trans-semiotizing in a global world. In: WRIGHT, Wayne E.; BOUN, Sovicheth; GARCIA, Ofelia. **The Handbook of Bilingual and Multilingual Education**. 1. Ed. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2015.

LODER, Letícia Ludwig; JUNG, Neiva Maria. **Fala-em-Interação Social: introdução à Análise da Conversa Etnometodológica**. 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

LORENZ, Stella. **Processos de purificação ligados à migração alemã para o Brasil (1880-1918)**. Espaço Plural, Paraná, v. 4, n. 19, p. 29-37, jul/dez 2008. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/1924>> Acesso em: 06 jun. 2022.

LYNCH, Michael. **Indexicality**. Londres: SAGE Publications Ltd, 2019. p. 1-12. Disponível em: <https://methods.sagepub.com/foundations/indexicality>. Acesso em: 22 set. 2021.

MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história**. 1 ed. Canoas: Editora Ulbra, 1994. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=TwGjw6Qdp4AC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 4 mai. 2021.

MEY, Jacob L. **Etnia, Identidade e língua**. In: Inês Signorini (org.). Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas SP: Mercado das Letras Edições e Livraria. p.69-88.

MEYER, Martina. **Deutsch ou Deutsch? Macroanálise pluridimensional da variação do Hunsrückisch Rio-Grandense em contato com o português**. 2009. 46 p. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Curso de Letras: Português e Alemão, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/21647>. Acesso em: 24 maio 2021.

MILROY, James. Ideologias linguísticas e as consequências da padronização. In: LAGARES, Xoán; BAGNO, Marcos. (orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2011.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrutivista. In: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M. T. L (orgs.). **Narrativa, identidade e clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA, 2001, p. 55-71.

MONDADA, Lorenza. **Talking and driving: Multiactivity in the car**. *Semiotica* 191 (1/4), 223-153.

MONDADA, Lorenza. Multiple temporalities of language and body in interaction: challenges for transcribing multimodality. **Research on Language and Social Interaction**, v. 51, n. 1, p. 85–106, 2018.

MUSK, Nigel; CROMDAL, Jakob. Analyzing bilingual talk – Conversation analysis and language alternation. In: FILIPI, Anna; MARKEE, Numa (Eds.) **Conversation Analysis and Language Alternation: Capturing transitions in the classroom**. Amsterdam, 2018.

MÜHLEN, Fernanda Von. **Políticas linguísticas relacionadas à(s) escrita(s) e à(s) ortografia(s) do hunsriqueano e as percepções dos falantes**. Orientadoras: Dorotéia Frank Kersch e Ana Maria Stahl Zilles. 2019. 166 p. Dissertação (Mestrado) – Linguística Aplicada, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

MYERS-SCOTTON, Carol. **Social motivations for codeswitching: Evidence from Africa**. Oxford: Clarendon Press, 1993.

MYERS-SCOTTON, Carol. Codeswitching as indexical of social negotiations. In: HELLER, Monica (Ed.) **Codeswitching: Anthropological and sociolinguistic perspectives**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988, p. 151-186.

NETO, Helena Brum; BEZZI, Meri Lourdes. **Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha**. *Revista Sociedade e Natureza*, Uberlândia, v.20, n.2, nov/2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/9443>. Acesso em: 4.abr.2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Identidade linguística escolar**. In: Inês Signorini (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas SP: Mercado das Letras Edições e Livraria. p. 203-212.

PAIVA, Claudia Gomes. **Brasil: Nação monolíngue?**. *Revista Linguasagem*, São Carlos – SP, v. 11, n. 1, p. 1-19, nov-dez, 2009. Disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/590>. Acesso em: 25 jun. 2021.

PANICO, Daniela. **Bilingual conversations and language maintenance: the case of two Italian-Australian families**. Thesis (Degree of Doctor of Philosophy) – Faculty of Arts and Social Sciences, University of Sidney, Sidney, jun. 2021.

PELINSON, Fabiana; MENGARDA, Elias José. **Comunicação publicitária e usos dialetais: Apelo mercadológico e desconstrução do preconceito linguístico**. In: *XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Intercom*. Londrina. 2011.

POMERANTZ, Anita. **Telling My Side: “Limited Access” as a “Fishing” Device**. *Sociological Inquire*. v. 50, issue 3-4, p. 186-198, jul. 1980. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1475-682X.1980.tb00020.x>. Acesso em: 20 out. 2021.

PORTO, Renata Sobrino. **Os estudos sociolinguísticos sobre o code-switching: uma revisão bibliográfica**. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. v. 5, n. 9, agosto, 2007. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_os_estudos_sociolinguisticos_sobre_o_code_switching.pdf. Acesso em: 12. jan. 2022.

RIBEIRO, Emílio Soares. **Um estudo sobre o símbolo com base na semiótica de Peirce**. *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 46-53, jun. 2010.

ROCHA, Luiz Fernando Matos. **Autocitação fictiva em português europeu e brasileiro**. *ALFA*, v. 58, n. 1. p. 63-92, mar. 2014. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5526/4918>. Acesso em: 5 nov. 2021.

ROSA, Eliane Kreutz; DAMKE, Ciro; BOSRTSEL, Clarisse Nadir von. **Língua/Cultura como fator de pertencimento identitário**. *Revista Linguagem*, n.19, p.1-11, jul/set. 2012. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao19/artigos/artigo_013.pdf Acesso em: 21.abr.2021.

SACKS, Harvey. **Lectures on conversation**. 2. v. Oxford: Blackwell, 1992.

SEYFERTH, Giralda. **A assimilação dos imigrantes como questão nacional**. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 95-131. Abr. 1997.

SEYFERTH, Giralda. **Colonização, imigração e a questão racial no Brasil**. *Revista USP*, São Paulo, v.53, p. 117-149, mar/mai 2002.

SIDNELL, J. **Conversation analysis: an introduction**. Massachusetts: Wiley-Blackwell, 2010.

SILVA, Caroline Rodrigues; ANDRADE, Daniela Negraes P.; OSTERMANN, Ana Cristina. **Análise da Conversa: uma breve introdução**. *ReVEL*, vol. 7, n. 13, 2009.

SIMIONATO, Marta Maria. **O processo de alfabetização e a diáspora da língua materna na escola: um estudo em contexto de imigração ucraniana no sul do Brasil**. 2012. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SOUTO, Mauren Vanessa Lourenço; ALÉM, Alline Olivia Flores Gonzales; BRITO, Ana Marlene de Souza; BERNARDO, Cláudia. **Conceitos de língua estrangeira, língua segunda, língua adicional, língua de herança, língua franca e língua transnacional.** Revista Philologus, Rio de Janeiro, v. 1. n. 60, p. 890-900, set-dez. 2014. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ix_jnlflp/resumos/conceitos_de_linga_MAUREN.pdf. Acesso em: 15. maio 2021.

SPINASSÉ, Karen Pupp. **Conceitos de Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falante de língua alóctones minoritárias no Sul do Brasil.** Revista Contingentia, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p 1-10, nov. 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/3837>. Acesso em: 18. maio 2021.

SPINASSÉ, Karen Pupp. **O hunsrückisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha.** Espaço Plural, Paraná, v. 9, n. 19, p. 117-126, jul/dez 2008. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/1934>. Acesso em: 20. maio 2021.

STAM, Gale. Gesture and speaking a second language. In: ALONSO, A. R. (ed.). **Speaking in a Second Language.** Espanha: Jonh Benjamins Publishing Company, 2018, p. 49-67.

STEENSING, Jakob. Conversation Analysis and Affiliation and Alignment. In.: CHAPELLE, Carol A. (ed). **The Concise Encyclopedia of Applied Linguistics.** Nova Jersey: Wiley Blackwell, 2012. p. 248-253.

STIVERS, Tania; MONDADA, Lorenza; STEENSIG, Jakob. Knowledge, morality and affiliation in social interaction. In: STIVERS, T.; MONDADA, L.; STEENSIG, J. (Eds). **The morality of knowledge in conversation.** Cambridge: Cambridge University Press, 2011. p. 3-24.

STREECK, Jürgen; GOODWIN, Charles; LEBARON, Curtis. Embodied interaction in the material world: an introduction. In: STREECK, J. (org.). **Embodied interaction: language and body in the material world.** New York: Cambridge University Press, 2011. p. 1–26.

WATSON, Rod; GASTALDO, Édison. **Etnometodologia e Análise da Conversa.** 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes e Editora PUC-Rio, 2015.

WEI, Li. What do you want me to say? On the Conversation Analysis approach to bilingual interaction. **Language in society,** Cambridge, v. 31, n. 2, p. 159-180, abril, 2002.

WEINREICH, Uriel. **Languages in contact.** New York: Linguistic Circle & The Hague, Mouton, 1953

ZILLES, Rejane. WALACHAI. Mountain View: Google, 2013. (1:24:44). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NuMpMZw6eIQ&t=4132s>. Acesso em: 21. abr. 2021.

APÊNDICE A - CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO¹

(1.8)	Pausa
(.)	Micropausa
=	Fala colada
[Texto]	Falas sobrepostas
,	Entonação contínua
↑texto	Entonação ascendente da sílaba
↓texto	Entonação descendente da sílaba
.	Entonação descendente do turno
?	Entonação ascendente do turno
-	Marca de interrupção abrupta da fala
:::	Alongamento de som
>Texto<	Fala Acelerada
>>Texto<<	Fala muito acelerada
<Texto>	Fala mais lenta
<<Texto>>	Fala muito mais lenta
TEXTO	Fala com volume mais alto
°texto°	Volume baixo
°°texto°°	Volume muito baixo
Texto	Sílaba, palavra ou som acentuado
(Texto)	Dúvidas da transcritora
Xxxx	Fala inaudível
((Texto))	Comentários da transcritora
<i>hhh</i>	Riso expirado
<i>hahahehehihi</i>	Risada com som de vogal
{{ <i>rindo</i> } texto}	Turnos ou palavras pronunciadas rindo
.hhh	Inspiração audível

¹ Fonte: Jefferson (1984), adaptadas pelo grupo de pesquisa Fala-em-Interação em Contextos Institucionais e Não-Institucionais com marcações sugeridas pelo GAT2.

APÊNDICE B - CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO MULTIMODAL²

* * o o + +	Cada participante da interação deve ganhar um sinal gráfico diferente para identificação. Os sinais delimitam onde a ação do/a participante inicia e finaliza.
--> (1.x)	A ação descrita continua por linhas subsequentes até o que símbolo --> reapareça, acompanhado do sinal gráfico que identifica o/a participante.
-->>	A ação descrita continua até o final do excerto.
>>	A ação descrita inicia antes do início do excerto.
.....	Preparação do gesto
-----	Ápice do gesto
''''''''	Retratação do gesto

Observações:

- 1) Cada ação corporal é atribuída a um/a participante, identificado por seu pseudônimo e por um símbolo que será utilizado ao longo da transcrição.
- 2) Se a ação corporal é feita pelo/a participante que está usando o turno, não é necessária a sua identificação na margem. Utilizamos letra maiúsculas para identificação da fala e letra minúscula na cor cinza para identificação de movimentos corporais.
- 3) Os símbolos de identificação de cada participante são utilizados para demonstrar onde a ação inicia e termina. Estes símbolos são utilizados, também, na linha de fala, para que seja possível ao leitor sincronizar as ações multimodais. Tenta-se alinhar os símbolos para representar essa simultaneidade. A descrição da ação é inserida entre estes dois símbolos.

² Fonte: Modelo de transcrição traduzido e adaptado pelo grupo FEI a partir da proposta de (MONDADA, 2019), intitulada "Conventions for Multimodal Transcription".

- 4) O símbolo '#' para identificação das imagens será marcado, também, na linha de fala, a fim de situar o/a leitor/a em que momento da (ausência de) fala a imagem foi capturada.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
ÁUDIO E VÍDEO

Você está sendo convidado/a a participar de um estudo sobre as interações sociais bilíngues (português/ hunsrückisch) em ambientes familiares. O estudo está sendo conduzido por mim, Camila Tempas, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann (professora e pesquisadora da UNISINOS). Através deste estudo, buscamos compreender de que forma ocorrem as interações bilíngues, como os interagentes trocam de língua dentro de uma interação, como se comportam a partir dessas trocas e que elementos do contexto são refletidos nas conversas.

As atividades que servirão de dados para a pesquisa são: (a) gravações em áudio e vídeo de momentos de interação, em diferentes horários e dias; (b) breves conversas ao telefone da pesquisadora ou pessoalmente com as pessoas que participaram da pesquisa; (c) anotações sobre o contexto pesquisado e sobre os/as participantes da pesquisa. Depois de gerados e analisados os dados, serão realizadas conversas informais com os participantes. Caso eles aceitem participar desse momento, farei algumas perguntas a fim de entender de que forma enxergam o seu papel como bilíngues, o seu contexto e o seu lugar de fala.

Sendo você participante do estudo, solicitamos sua autorização para gravar e analisar interações com a sua participação e anotar informações suas, como seu nome e idade. Sua participação nos ajudará a compreender um pouco mais como ocorrem interações bilíngues em ambiente familiar.

Não há riscos físicos associados à sua participação nesse estudo. No entanto, embora mínimos, há risco de desconforto e/ou de ameaça do anonimato da participação na pesquisa. Compreendemos que a presença do equipamento de gravação pode causar algum tipo de constrangimento. Para evitar isso, caso você sinta qualquer tipo de desconforto durante as gravações, como será você mesmo/a o/a que fará a gravação, você tem toda a liberdade para interrompe-la, excluí-la e não enviar este dado para a pesquisadora. As informações que obtivermos de você serão rigorosamente confidenciais. Seu nome, os nomes das pessoas que participaram da interação com você, nomes de outras pessoas que forem mencionados durante a gravação e mesmo o nome de cidade ou bairro em que você reside serão substituídos por outros nomes fictícios em qualquer apresentação ou publicação do nosso estudo. Seus dados serão absolutamente confidenciais e sua participação no estudo é totalmente voluntária.

Os dados coletados ficarão sob minha inteira responsabilidade e, após o término do estudo, serão gravados em um HD e arquivados pelo projeto de pesquisa maior de minha orientadora, permanecendo em seu gabinete para eventuais consultas necessárias a publicações científicas. Os dados serão guardados por tempo indeterminado e poderão ser utilizados no futuro para fins de pesquisa.

Você pode se recusar a participar desta pesquisa ou se retirar a qualquer momento sem qualquer penalidade. Sua decisão em participar ou não da pesquisa não afetará em nada a sua rotina do dia-a-dia. Você também tem o direito de fazer perguntas e de esclarecer dúvidas sobre o estudo a qualquer momento.

Se você tiver dúvidas ou perguntas, entre em contato conosco pelo telefone (51) 99663-1643, ou pelo e-mail ctempas@edu.unisinos.br. Minha orientadora também pode ser contatada através do telefone 3591-1100, ramal 1349, ou pelo e-mail aco@unisinos.br.

Este documento será assinado digitalmente em duas vias, ficando uma em seu poder e a outra com a pesquisadora. Caso não seja possível assinar o documento digitalmente, a autorização via áudio de *WhatsApp* também poderá ser encaminhada. Agradecemos por sua colaboração e interesse em nosso estudo.

_____, _____ de _____ de 2021.
(cidade) (dia) (mês)

Nome do/a Participante

Assinatura do/a Participante

Camila Tempas
Mestranda em Linguística Aplicada,
Unisinos

